

Diário de Lisboa

Numero avulso: 40 CENTAVOS
 Editor — JOÃO CHRYSOSTOMO DE SA
 ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.º
 Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
 JOAQUIM MANSO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
 Redacção, composição e Impressão
 RUA LUIZ SORIANO, 44
 TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273

A Patria

Santa Joana d'Arc, que é o simbolo mais tocante da gloria, do martirio e da virtude a que a França rende culto, recebeu ha pouco em varias cidades, mas especialmente em Orleans, as homenagens e as preces dum povo que, de tantos em tantos anos, tem de voltar aos campos de batalha, a-fim de defender-se de inimigos implacaveis.

Quando o perigo se avizinha, a heroína medieval surge como mensageira da nova victoria. Os soldados invocam-na, porque sentem que a sua presença anima e conforta.

Muitas guerras sofreu a França, a-fim de conservar ou reaver o seu territorio. Santa Joana d'Arc esteve em todas elas — no valor dos combatentes e na esperança imortal. Daladier, que compreende o significado da hora presente, depôs um ramo de flores, na estatua equestre que se ergue na praça das Pirâmides. Desfilaram os regimentos, clarins e tambores á frente.

Santa Joana d'Arc cavalgando á testa dum exercito que capitaneou até quasi junta da fogueira em que pereceu, sobrevive á morte, incitando os valentes que a seguem na luta sem temor nem fraqueza.

Aldeia das aguias

O novo romance de Guedes de Amorim, que se intitula Aldeia de Aguias, marca um avanço na sua maneira de imaginar e construir.

Não é difficil observar o que cai sob a alçada dos nossos olhos, porque toda a vida é espectáculo e contemplação.

O mais embaraçoso reside principalmente na interpretação das apparencias, visto que o homem só começa a ser homem, quando estabelece a unidade na confusão, o fio conductor na anarquia dos desejos e dos momentos.

A Aldeia de Aguias, sob este ponto de vista, indica que o seu autor progride no bom sentido.

Oh gloria de mandar!...

Alguns compatriotas nossos, em artigos da sua lavra, vão dando generosos conselhos á França, á Alemanha, á Italia, á Inglaterra e aos Estados Unidos.

—Que façam isto, que não façam aquilo, que sejam por A contra B, por B contra C...

Não sabemos se chegarão ao seu destino as graciosas missivas, com tanto sabor ás brisas do Tejo. Mas temos pena que tal se não dê, para que se saiba em país estrangeiro que o nosso genio de navegadores anda constantemente com as velas enfunadas.

«Diário de Noticias»

Deixa amanhã o cargo de director efectivo do «Diário de Noticias», que ocupou durante catorze anos, o sr. Eduardo Schwalbach, devendo assumir a direcção daquelle nosso colega o sr. dr. Augusto de Castro, que foi seu director de 1919 a 1925.

SAUDE PUBLICA

Não costumamos fazer campanhas nem alarmar ninguém com rumorosos gestos de violencia, por entendermos que a verdade vence sempre, mesmo quando os seus inimigos lhe passam um barão ao pescoço. Na luta contra os falsificadores de generos alimenticios — a horda inhumana dos que, por cega cobiça e sordida avareza, chegam ao crime — cumpriremos o nosso dever de jornalista que põe os olhos acima dos interesses miseraveis.

A obra intemerata a que meteu ombros o «Tribunal Colectivo de Generos Alimenticios» merece que a Imprensa se ocupe dela para marcar, com todo o relêvo, as sombras sinistras que diabolicamente aparecem nos processos, agindo como viscosas aranhas numa teia tecida com fios de baba venenosa.

Avante na defesa da saude publica, durante tantos anos exposta ás investidas da ganancia sem escrúpulos!

Desgraçadamente, atravessamos uma epoca materialista em que os valores da consciencia pesam menos do que o cinismo nas faces estanhadas dos que dizem consigo:

— Que me importa a lei, o dever e a dignidade, se tenho dinheiro no cofre e sou considerado bom cidadão entre os cretinos e os simplórios?...

Uma e muitas vezes nós vemos o triunfo e o exito de habiliidades vulpinas a florescerem em autenticas estrumeiras.

Quantos, depois de escaparem milagrosamente por malhas em que deviam ter ficado presos, não ostentam a sua impunidade como um trofeu!

Ocupa a pasta da Agricultura um homem honrado que jamais se dispôs quer a complacencias quer a transigencias com as tribus devoristas ou com os aventureiros do «ganha dinheiro seja como fôr». Temos confiança na sua acção moralizadora, tão necessaria para impedir que o consumidor seja jogado aos dados como a tunica de Jesus.

As inquietas mãis, as crianças inocentes, os velhos alquebrados, os que trabalham e sofrem pelo sustento quotidiano, os que penam nas longas vigílias e os enfermos que desfalecem febrilmente têm de ser protegidos na sua boa fé honesta e na sua confiança votada ás piores torpezas e rapinas. O pão, que é um dom de Deus, o fruto que a terra dá ao homem como benção do seu amargo suor, tem de ser sempre pão, isto é: o principio da renovação corporal em intima união com a alegria do espirito.

Porque o corrompem, tornando-o odioso pelas desgraças que espalha?

O leite, outra fonte de vida, apetecido sequiosamente por todos nós, mas especialmente pelos pequeninos, pelos anciãos e pelos doentes, ha-de ser defendido de misturas ignobeis que o alteram ou o podem converter em letal veneno.

A lista das possiveis mixordias é assás larga, pois abrange o azeite, a manteiga, as carnes verdes e sêcas, o bacalhau, o vinho e o vinagre atirados para o mercado como produtos prontos a saciar a fome dos lucros delituosos.

Prossiga o «Tribunal Colectivo dos Generos Alimenticios» na sua missão, a-fim-de despejar-se a estrebaria de Augias. Os produtores e comerciantes escrupulosos — felizmente em grande numero — não querem ser confundidos nem condenados com tão tristes exemplares, vergonha da sua classe e da soffredora humanidade.

Nos países que se prezam, ha uma cousa com que se não brinca — a saude publica. O nosso povo venera a justiça e por isso os tribunais crescerão em prestigio, desde que lhe sirvam de escudo e de amparo contra as nefandas sanguessugas.

Neurastenia

A bordo de um barco alemão atracado em Dunkerque para seguir a Hamburgo, na hora da partida do navio deu-se pela falta de um passageiro, que ocupava uma cabina especial. O passageiro era — um macaco de categoria na sua illustre especie, e levava o destino do Jardim Zoológico de Hamburgo.

Que sucedera? Talvez o bom «Lourenço» — assim se chamava — tivesse ido a terra e se houvesse perdido. Mas não. Uma demorada devassa permitia encontrar «Lourenço» estatelado, nos baixos do navio, entre duas pipas. Aproveitara a ausencia dos marinheiros e fizera como estes: metera a bôca á torneira de um barril: cumpriu o seu dever de imitador.

Embragou-se como dois homens — e morreu.

Parece que o seguro se nega a pagar o que estava na apolice, porque o suicidio não estava previsto. «Lourenço» tinha saudades dos tropicos e não pode restar duvida de que foi vitima de uma enebriante neurastenia.

A dança das estatuas

As estatuas destinadas a decorar as escadarias da Assembleia Nacional parecem sofrer dum estranho fatalismo. Duas vezes, as suas «maquettes» em vulto foram recusadas pela VI Secção da Junta de Educação Nacional, á excepção da de Raul Xavier. Depois, o numero de estatuas, que era de seis, foi reduzido a quatro, que seriam executadas por Costa Mota, Maximiano Alves e Barata Feio, contando, é claro, com a de Raul Xavier. Já lá vai tempo, e nenhum andamento se deu ao caso. No entanto, as obras da Assembleia aproximam-se do fim. A sua fachada, pelo menos, pode considerar-se concluida. Os plintos, porém, continuam vasios.

Onagro ou mais...

Em Murça, um professor primario, já sexagenario e gotoso, revelou-se um animal vicioso, com delirios lubricos que afrontariam um onagro.

Foi preso e levado para a cadeia de Vila Real onde, segundo nos informam, não soube explicar como é que atingiu tal crepusculo — na degradação e na miseria moral.

A população de Murça quiz linchá-lo, mas ele, protegido pela autoridade, escapou indene, sem uma beliscadura — o que lhe permitiu gaguejar:

—Vá lá a gente livrar-se duma destas!...

A nossa lingua

Um escritor fluminense entretem-se a dizer mal da lingua portuguesa, declarando-se partidario e defensor da brasileira.

Como se trata duma só, o aguerrido homunculo consegue duma penada escrever mal, tanto para cá como para lá.

Não lhe sairia melhor aprender a fundo a lingua de Herculano, Camilo e Eça para depois se averiguar até que ponto tem direito a ser o guarda do seu proprio sepulcro?...

BOLSA DE LISBOA

18 de maio

VALOR	Actualizado	Compra	Venda
Consolidado 3 1/2 T. 10.	940\$00	—	—
Consolidado 4 1/2 T. 10.	985\$00	984\$50	985\$00
Consolidado 4 1/2 T. 10.	—	1.026\$00	1.027\$00
Consolidado 4 1/2 T. 10.	1.141\$00	1.141\$00	1.142\$00
Consolidado 5 1/2 T. 10.	—	1.026\$00	1.027\$00
Obs. Tesouro 3 1/2 T. 10.	960\$00	—	—
Externas 1.ª série	1.635\$00	1.634\$00	1.635\$00
Externas 1.ª carimbadas	1.666\$00	1.665\$00	1.668\$00
Externas 3.ª série	1.650\$00	1.650\$00	1.652\$00
Externas 3.ª carimbadas	1.762\$00	1.760\$00	1.765\$00
Cautelas da 3.ª série sif.	153\$00	153\$00	153\$50
Ações			
Esp. S.ª e Com. Lx.ª port.	—	745\$00	—
Lisboa e Açores port.	—	341\$ 0	345\$00
Ultramarino ep T. 10	23\$50	23\$50	24\$00
Portugal port. T. 5	1.000\$00	1.015\$00	1.015\$00
Fidelidade	22.550\$00	22.701\$00	22.701\$00
Mundial	686\$00	258\$00	265\$00
Nacional	—	1.120\$00	1.150\$00
Sagres	—	277\$00	—
Agua Lisboa port.	148\$00	147\$00	149\$00
Agua Lisboa 1934 T. p.	143\$10	142\$00	—
Agua Lisboa 1936 T. p.	—	490\$00	500\$00
Cervejas Estrela	—	365\$00	381\$00
Cimentos Fejo	—	9\$60	9\$80
Cimentos Leiria T. p.	25\$50	25\$10	25\$10
Credito Predial	—	280\$00	—
Gás e Electricidade	—	272\$00	28. \$0.
Alto Alentejo 1.ª 2.ª em.	—	115\$00	—
Alto Alentejo 3.ª 4.ª em.	—	90\$30	90\$30
Industria Aliança	157\$50	157\$50	157\$50
Portugal e Colonias	—	50\$00	—
Nacional Navegação T. p.	—	367\$00	370\$00
Colonial de Navegação	—	366\$00	367\$00
Portuguesa de Pesca	—	284\$00	285\$00
Ind. Farmaceutica	—	182\$00	183\$00
Portuguesa de Tabacos	—	180\$30	183\$00
Tabacos de Portugal	—	210\$00	212\$00
União Electrica Portug.	—	168\$00	168\$00
Casseque	—	106\$00	106\$00
Agricola das Neves	—	119\$00	122\$00
Agricultura Colonial	—	39\$00	39\$00
Agucar de Angola	—	43\$10	43\$40
Buzi 1.ª emissão T. p.	—	172\$00	173\$00
Ilha do Principe	—	14\$70	14\$90
Zambezia T. p.	—	—	—
Obrigações			
Norte de Portugal 3 %	105\$00	104\$50	105\$00
C. P. 6 %	193\$00	192\$50	193\$00
C. P. 6 % Beira Baixa	194\$00	191\$50	194\$00
Agua Lisboa 4 1/2 ep.	—	84\$50	—
Prediais 5 % 1935	—	85\$00	—
Prediais 5 % 1937	—	81\$50	—
Prediais 6 % 1932	—	90\$70	—
Prediais 6 % 1932 2.ª	—	—	—
Prediais 6 % 1934 1.ª	—	90\$50	—
Prediais 6 % 1934 1.ª 3.ª	—	90\$50	—
N. J. Moagem 5 % 1.ª p.	—	—	—
União Elect. Port. 5 %	—	111\$50	—
União Elect. Port. 6 1/2 %	—	113\$50	—
Buzi 5 1/2 % 1.ª p.	—	—	114\$50
Buzi 6 1/2 % 1.ª p.	—	—	—

HENRIQUE DE BARROS GOMES
Corretor oficial da Bolsa de Lisboa
TELEF. 2 5482 RUA S. JULIAO, 8

CAMBIOS

CHEQUE SOBRE	Compra	Venda
Londres	110\$15	110\$19
New-York	23\$52,9	23\$54,2
Paris	\$62,3	\$62,3
Berlim	9\$41,1	9\$41,6
Madrid	2\$60,7	2\$60,8
Amsterdam	12\$63,5	12\$64,2
Bruxelas	4\$00,4	4\$00,6
Roma	1\$23,7	1\$23,8
Zurich	5\$28,8	5\$29,1
Rio de Janeiro	1\$37,6	1\$37,7
Libra ouro	—	—

PAPELARIA CARLOS

Grandioso sortido em molduras, Albuns para fotografias, cantos, etc.

Rua do Ouro, 36 — LISBOA

Porto de Lisboa

Chegou hoje ao nosso porto o paquete alemão «General Osorio», do qual desembarcaram em Lisboa 110 passageiros. No mesmo paquete viajam em transito 240 passageiros, a maior parte dos quais alemães, que dos portos do Brasil seguem para Hamburgo.

Em Lisboa embarcaram 30 passageiros, entre os quais dois repatriados alemães, o pintor da mesma nacionalidade Fritz Klauche, o prof. dr. Azevedo Neves, para Hamburgo, em missão especial, e a cantora Leonor Viana da Mota, também para Hamburgo.

ARMAZENS DO ROSSIO
7.º ATOS
ROSSIO, 72 - R. DOS CORREIOES, 372
TEL. 2 1215 - LISBOA

A CAMISA USADA PELOS ELEGANTES

PRODUTOS DE EXPORTAÇÃO NO MERCADO INTERNO

O AZEITE OLIVAR

Desperta sempre interesse o aparecimento à venda ao publico de produtos que tenham sido ou sejam reservados à exportação, por se saber que em geral o nosso exportador tem o cuidado de seleccionar e adquirir os melhores para enfrentar a concorrência. E' o caso do azeite que no estrangeiro goza do maior conceito precisamente porque exportamos o mais bem fabricado e de boa qualidade.

Apareceu agora à venda nos estabelecimentos o famoso azeite Olivar, marca de exportação assás conhecida e acreditadissima nos mercados americanos, que rapidamente ganhou a simpatia do mercado interno. Sobre esta iniciativa fomos ouvir o nosso prezado amigo Maximo Gonzalez Briz, socio gerente da importante casa Eugenio Gonzalez & C.ª (Filho) proprietaria da referida marca.

A' nossa pergunta sobre as razões que determinaram a venda no mercado interno do Azeite Olivar e como estava sendo recebido, Maximo Gonzalez Briz respondeu-nos:

— Lançamos no mercado interno uma parte do nosso azeite Olivar simplesmente para atendermos pedidos e sugestões varios e sem duvida na esperança de que se reconheça o alcance da iniciativa para o consumidor e a lavoura. Felizmente os melhores estabelecimentos de Lisboa e de toda a orla até Cascais estão correspondendo á nossa espectativa e manifestam-nos a cada passo a sua satisfação pela bondade do produto e a maneira como o apresentamos. De facto, puzemos especial cuidado na defesa do excelso produto, de modo que nenhum traficante — e ele ha tantos! — possa sequer servir-se da vasilha do azeite Olivar para ludibriar o publico.

— Mas nenhum lojista tem contrariado a interessante iniciativa?

— Até agora todos os que adquiriram o azeite Olivar, e andam por centenas em Lisboa, Paço de Arcos, Estoril e Cascais, só nos têm dirigido palavras de compreensão e louvor. Todos, oiça bem!

Só poderá não gostar e procurar contrariar algum daqueles que tem sempre á mão, guardada em qualquer esconso, uma «especialidade» da sua terra. Mas esses, — honra seja feita ao realista honesto — constituem uma minoria infima e são, em geral, simples amadores comerciais. O comerciante que marca, o que aspira a ocupar posição dominante, procura sempre vender bons produtos, para com eles obter a conquista de boa clientela, pois só assim se afirma a categoria de um estabelecimento. Esse comerciante entende, e muito bem, que é necessario pensar no consumidor, colocando-o sempre em primeiro lugar.

DE LUTO

Major Antonio Dias Bargão

Na sua residência, Avenida Elias Garcia, n.º 169-r/c. Esq., faleceu hoje o sr. major Antonio Dias Bargão, de 63 anos.

O falecido era casado com a sr.ª D. Elisa de Jesus Caldeira Bargão e pai da sr.ª D. Alice da Ressurreição Bargão, Maria José Bargão Torres Preto e do menino José Jaime Caldeira Bargão e sogro do sr. dr. Adrião Torres Preto. O extinto possuía uma larga folha de serviços prestados á Patria, e possuía diversas condecorações, entre elas a Torre Espadada, comportamento exemplar, Aviz, Cristo, Valor Militar 4 de Campanha, etc.

O seu funeral realiza-se amanhã, pelas 15. horas, para o talhão dos Combatentes da Grande Guerra, no Alto de S. João.

D. Maria Cristina Barral Moniz Tavares

Faleceu esta madrugada a sr.ª D. Maria Cristina Barral Moniz Tavares, de 78 anos de idade, proprietária, natural de Lisboa, viúva do falecido general medico sr. Carlos Moniz Tavares, mãe do sr. dr. Carlos Barral Moniz Tavares, medico, e sogra do sr. Antonio Augusto de Matos Taquenho.

O funeral, a cargo da agencia Barata, realiza-se amanhã, ás 11 horas, da sua residência, rua D. Estefânia, 120, para jazigo no cemiterio dos Prazeres.

Antonio Vidigal Rocha

Na sua residência, praça do Marquês de Pombal, n.º 3, 4.ª, faleceu hoje de manhã o sr. Antonio Vidigal Rocha, de 33 anos, natural de Lisboa e funcionario da Camara Municipal de Lisboa.

O funeral realiza-se amanhã, pelas 10 e 30, para o cemiterio do Alto de S. João.

Um lugre em leilão

Foi hoje á praça, na base de licitação de 150.000\$00, o lugre «Maria Inês», ha tempo encontrado no alto mar, sem a tripulação a bordo. O leilão teve fraca concorrência e nenhuma empresa ofereceu qualquer importância que se aproximasse da base da licitação. O leilão foi assim anulado e deve repetir-se brevemente.

— E' facil verificar-se a qualidade de um azeite?

— Não, senhor.

— Muita gente, a maior parte, só sabe que ele é mau quando os intestinos se lhe queixam dolorosamente... Não é qualquer individuo, só por que vende azeite, que pode conhecer da sua qualidade. Nós temos para isso, um laboratorio completo e á frente dele um engenheiro agronomo especializado; temos ainda um provador que é quem, depois do produto analisado, se pronuncia sobre o seu paladar, aroma e cor. Um bom provador, raro aliás, torna-se indispensavel numa boa organização azeiteira. A delicadeza do produto e o fim a que se destina não permite que dele cuide qualquer cabreiro.

Foi o provador da nossa casa quem, após a análise feita pelo chefe dos laboratorios privados, se pronunciou sobre o paladar e o aroma do azeite Olivar.

«Reconhecida a bondade incontestavel do azeite Olivar, tratamos de garantir a impossibilidade da sua fraude. Contra todas as sugestões, em contrario, fundadas aliás em razões praticas, apenas vendemos o azeite Olivar em latas de litro e sem qualquer abertura ou fenda que torne possivel a sua adulteração. E tem sido essa precaução e ainda o facto da medida ser exacta que nos tem trazido grande numero de louvores. «Quanto á possibilidade de existir ainda algum bronco armado em esperto que tenha no desvão da escada uma absurda especialidade da terra, que para o caso deve ser terra de ninguém, deixemo-lo na doce ilusão, que os fados não deixarão durar sempre, de que poderá impunemente continuar tripudiando do consumidor incauto, vendendo-lhe os seus lotes fraudulentos por azeite de procedencia e fabrico garantidos.

Tornando impossivel a fraude do azeite Olivar, quer na qualidade, quer na medida, como o estamos fazendo no pais e no estrangeiro, de algum modo prestamos um serviço ao consumidor, á lavoura e ao comercio.

E a terminar diz-nos o nosso amigo Gonzalez Briz:

— São iniciativas como a nossa e a de outros colegas que melhor defendem a oleicultura nacional e a saúde do consumidor.

«E como não sou homem de desistir, quando me acho possuido de razão, prosseguirei com este criterio sem curar de saber se desagradou ou não aos que têm em menor conta o bom nome do comercio e o interesse da Nação».

Assim nos falou o inteligente e activo dirigente da firma Eugenio Gonzalez & C.ª (Filho), proprietaria do famoso azeite Olivar que ultimamente appareceu no mercado interno, depois de haver conquistado largo prestigio no estrangeiro.

O PORTO pelo telefone

Abastecimento de aguas á cidade

PORTO, 18.—A Camara Municipal desta cidade vai emitir a primeira serie de um emprestimo de 55 mil contos para as obras a efectuar com o abastecimento de aguas.

Esta primeira serie importa em 20 mil contos, é subdividida em obrigações no valor nominal de 100 escudos ao juro de 5 por cento e vai ser oferecida á subscrição publica pelo Banco Ferreira Alves, a 95 por cento. O seu primeiro cupão de 2550 vence-se já em 30 de junho proximo.

Este emprestimo tem a esplendida garantia das receitas gerais do Municipio e tem ainda como consignação especial o rendimento da venda da agua dos serviços municipalizados.

Com o vencimento do primeiro cupão a 30 de junho proximo este emprestimo é de facto subscrito a 92,5 por cento e, se contarmos com o beneficio na amortização, o seu juro é a todos os titulos magnifico.

A-pesar de só hoje anunciado, ao Banco Ferreira Alves já têm accorrido numerosas pessoas a fazerem as suas inscrições.

Prisão accidentada

A' ordem da autoridade judicial da comarca do Porto, já há dias que devia ter sido preso em Pedrouços, concelho da Maia, o agricultor Augusto Tomé Pato, de 25 anos, ali residente. A autoridade daquele concelho viu baldados todos os esforços que fez para a captura, e assim pediu auxilio á Policia do Porto, tendo ido ali hoje alguns guardas da Brigada de Repressão aos Cadastros, e aos quais aquele individuo, bem como alguns dos seus criados, fizeram frente. A captura realizou-se, não sem que tivesse de ser disparado um tiro que feriu numa perna aquele individuo, pelo que, depois de ter transitado pelo banco do Hospital da Misericórdia, deu entrada no Aljube.

Precisa V. Ex.ª adquirir mobílias?

Visite os ESTABELECIMENTOS MATEUS e confrontem preços e qualidades.

Facilidades de pagamento.

156, R. de S. Lazaro, 172 — Tel. 4 0538

Um almoço á Imprensa no restaurante Bacalhau

O «dia da espiga» foi comemorado pelo sr. Antonio Branco com a reabertura do conhecido restaurante Bacalhau ás portas de Lisboa, a algumas centenas de metros do «terminus» da linha dos electricos de Benfica.

Foi oferecido um almoço á Imprensa presidido pelo sr. Artur Queiroz, no fim do qual diversos jornalistas fizeram a historia do popular retiro e lhe profetizaram um prospero futuro.

MAIS UMA EXPERIÊNCIA MÉDICA FEITA EM ANVERS



15 CRIANÇAS LIBERTAS DA ANEMIA

Uma nova experiência médica feita em Anvers. Desejou-se, desta vez, provar que, nas crianças, também as Pilulas Pink eram um regenerador do sangue, susceptível de o enriquecer, aumentando o número de glóbulos vermelhos e o seu índice de hemoglobina. Levada a efeito em Abril de 1934, esta experiência foi realizada sobre 15 crianças do Sanatório Maria-José, de Anvers, tendo este ensaio clinico dados os excelentes resultados que passamos a expor, tirados do relatório final do médico, Dr. J. V. Cauteren:

1.ª — Em 12 crianças notou-se um aumento notável do índice de hemoglobina (5 a 10 %).

2.ª — Notável aumento de peso, quasi geral (algumas de 2 quilos num mês).

3.ª — A maioria beneficiou notavelmente, sob o ponto de vista do seu estado geral.

Conselho às mães

Os sais de ferro que entram na composição das Pilulas Pink restituem os elementos vitais de que o sangue carece, tais como a hemoglobina e os glóbulos vermelhos, atacando directamente as causas do enfraquecimento.

Obrigar as crianças, abatidas pelo crescimento ou pela transição de idade, a um tratamento de Pilulas Pink é uma sábia precaução. Regenerando o sangue, tonificam todo o organismo, auxiliando os jovens a resistirem ás invasões microbianas e á doença.

PILULAS PINK

Vendem-se em todas as farmácias a Esc. 12500.

Importadores—João Machado da Conceição & C.ª, L.ª, 75, Rua da Conceição, 1.ª, Lisboa.

QUERE ALMOÇAR E JANTAR BEM. SUCURSAL DO CAFÉ TAVARES

RUA DA MISERICORDIA, 60 — T. 25687

TODOS OS DIAS PRATOS ESPECIAIS (C. RVEJA A COPO APERITIVOS)

PELICULAS FOTOGRAFICAS

As VERITAS são as melhores entre as melhores.

Experimenta-las é preferi-las.

Preços:

4x6,5 rolo 5\$30 — copia \$40
6x9 " 6\$00 — " \$50
6x11 " 7\$50 — " \$70

A venda em todas as casas da especialidade.

Representante para Portugal: **FO-TOGRAFIA ACHILES** — Av. Almirante Reis, 1-1.º Andar — Lisboa.

RETIRO DA SEVERA

HOJE—Noite da Moda—Hoje espectáculo especial —Mais Estreias!!! Novos Fados!!! Grande Sucesso de Adelina Ramos, Arminda Vidal, Maria de Jesus, Alredo Marceneiro, Xavier Pinto, José Iovar, Antonio Sami, Armandinho, Jaime Santos e Santos Moreira. Entrada por pessoa 2\$50. Consumo obrigatorio por pessoa 2\$50. Serviço Especial de Restaurante com Jantares a 12\$00. Primoroso Serviço á Lista, servindo-se «meias dozes» em pratos especiais.

CAFÉ MONDEGO Telef. 2 5676

HOJE: Margarida Pereira, Francisco dos Santos e Ilda Silva. Consumo 1\$30.

NA CIDADE ETERNA

O PAPA TOMOU POSSE

da igreja de S. João de Latrão

CIDADE DO VATICANO, 18.—Pela primeira vez depois da sua elevação ao Pontificado, Pio XII saiu do Vaticano. Renovando a tradição, interrompida durante cerca de um século, o Santo Padre, na qualidade de bispo de Roma, tomou solenemente posse da Basilica Patriarcal de S. João de Latrão, catedral de Roma.

A última cerimónia deste género realizou-se no tempo de Pio IX, em 1846.

Pio XII chegou, de automóvel, ao palácio de Latrão sem nenhum aparato. Foi recebido pelos membros do Sacro Colegio na Sala Sixtina. Depois, acompanhado pelos cardiais e dignitários da corte pontifícia, dirigiu-se para a entrada principal do palácio onde o aguardavam os membros do capítulo e o vice-governador de Roma, que o vieram homenagear em nome da cidade e da diocese. Destacamentos de tropas italianas e de guardas palatinos prestavam honras em todo o percurso do cortejo-pontifical.

Sob o imenso portico da Basilica, o Papa beijou o crucifixo que lhe apresentou o cardinal Marchetti e depois subiu para o primeiro andar, onde pôs a «faldas», espécie de manto comprido reservado aos Papas. Entretanto, os cardiais e os altos prelados da corte pontifícia envergavam os ornamentos sagrados.

Depois o Papa dirigiu-se para a entrada da Basilica pronunciando a allocução de homenagem. Os membros do capítulo beijaram seguidamente o pé direito do Papa, que entrou então na Basilica, aspergindo-a de água benta, depois do que tomou lugar na cadeira gestatoria. O cortejo pôz-se então em marcha pela nave central.

Por duas vezes o Papa desceu da cadeira gestatoria, antes de chegar ao altar papal. Primeiro, para adorar o Santíssimo Sacramento exposto na capela Severina; depois, para venerar as relíquias de S. Pedro e S. Paulo, que se encontram numa tribuna por cima do altar da confissão.

Contornando este, o cortejo dirigiu-se para o fundo da abside, onde o Santo Padre se instalou no pulpito pontifical. Entretanto, os coros cantavam um «Te-Deum». Foi então que se desenrolou o acto da tomada de posse: Os auditores, que envergavam dalmática, e os advogados consistoriais, aproximaram-se do altar papal.

Os cardiais, seguidos dos altos prelados, desfilarão em frente do Sumo Pontífice para fazerem o acto de obediência. Depois, o cardinal decano entou, com os auditores e os advogados consistoriais, o cantic «Laudes» para invocar a protecção do Senhor e dos Santos para o novo Papa.

Terminado o cantic «Laudes», o Papa dirigiu-se de novo para o altar. De pé, deu a bênção aos fieis antes de envergar os ornamentos sagrados para a celebração da missa, que se desenrolou segundo o cerimonial habitual. Finda a missa, o Santo Padre saiu da Basilica na cadeira gestatoria e entrou no palácio de Latrão por uma passagem interior que liga aquele à Basilica. Instantes depois, apareceu na «loggia» exterior da Basilica, donde lançou a bênção «urbi et orbi» à multidão amontoadá na imensa praça de S. João, até à Basilica de Santa Cruz de Jerusalém.

Respondendo ao discurso de homenagem do governador de Roma, que o esperava no Palácio de Latrão, para lhe exprimir os votos da Cidade Eterna por ocasião da tomada de posse da Basilica, Pio XII disse da sua alegria particular ao receber os votos da população de Roma naquele palácio onde se assinou o pacto de Latrão entre a Santa Sé e a Itália, «pacto de paz—friso—e a expressão da concordia entre a Igreja e o Estado».

O Santo Padre acrescentou que se sentia feliz por dar a bênção especial à cidade na sua qualidade de bispo de Roma. —(Havas).

BERNEX
CHEGADA DE PARIS

Toilettes de verão, passeio, chá, praia.
Rua Castilho, 30, 3.º—Telefone 4 1581.

Quinta-feira

As joias do mano Miguel

por Norberto de Araújo

—E' uma acção bem propria do mano Miguel...

A acção a que se referia D. Pedro era a entrega do ouro e pedrarias—as joias da Corôa com algumas do seu uso proprio—de que o vencido de Asseiceira e de Evora, nos termos da Convenção de Evora Monte, se despoçara.

O guarda-joias de D. Miguel, José Luiz da Rocha, cumprira, diante do conselheiro do Tesouro, Francisco de Lemos Bettencourt, o Banco recebia oitocentos contos em dinheiro, e—empacotados, ordenados, lacrados—os valores recolhiam á casa forte.

—E' uma acção bem propria do mano Miguel...

Que remedio tinha o mano!

O filho segundo de D. João VI, favorito de D. Carlota Joaquina, assinara a deposição das armas e de pretensões á corôa em 26 de maio daquele ano de 34, deixara Evora entre uma escolta de protecção a 30 em direcção a Sines, e embarcava pelo braço de Lockeyr, o commandante do navio inglês «Stag», caminho de Genova.

As joias, que valiam cerca de três mil contos da epoca, o dinheiro de contado—a propria subvenção de 60 contos anuais que passava a receber pela generosidade do irmão—que importavam áquella moço de 32 anos, esvelto e terra-a-terra, enfiado na sua casaca cor de café com leite, no seu colete da saragoça azul, e na sua convicção de legitimidade que a sorte das armas não havia abalado?

Logo a 20 do mesmo mês o insubmisso infante—rei de algum dia—lançava o protesto contra a assinatura de Evora Monte, imposta mais do que pela força das armas de D. Pedro pela força de três potencias conjuradas contra elle.

—E' uma acção bem propria do mano Miguel...

Assim voltou a pensar D. Pedro. Ainda o proscrito estava em terra portuguesa e já o imperador, Regente do Reino, era apupado no Teatro de S. Carlos, ante o estremecimento da jovem rainha, D. Maria, que viu cair aos pés do pai, como afronta, patacos com a esfígie de seu avô.

—Tão bom é um como o outro. Vinagre da mesma pipa...—diziam os cartazes apostos nas paredes do teatro.

Não houve mais que apupos, recriminações, desrespeito á redea solta—prelúdio de uma indisciplina. Sangue—só correu no lenço do Regente D. Pedro que se sufocou numa hemoptise angustiosa. Tinha 36 anos áquella homem; trinta e seis anos e menos de quatro meses de vida, pois havia de morrer a 24 de setembro na camara do seu palácio de Queluz.

Quanto ás joias de D. Miguel assinadas «I. D. M.»—dormiam na cave do Banco de Lisboa, antecessor do Banco de Portugal.

E lá dormem ainda...

* * *

E lá dormem ainda as joias de D. Miguel.

Reclamadas desde ha um século, primeiro por D. Miguel, e depois pelos seus herdeiros, príncipes, infantes e nobres, grande numero dos quais estrangeiros—os caixotes que o Banco esconde não deixaram mais de ser objecto de litigio que de vez em quando se acende.

Não lhes tocaram nunca os liberaes, que a despeito de o infante se haver rebelado e desmerecido da subvenção—que nunca recebeu—, e a pesar de haverem extinguido 401 conventos de frades, 132 de freiras e 49 hospícios religiosos, apropriando-se de seus bens—o que atesta a sua insensibilidade perante a suposta propriedade alheia—não se deram á pachorra de, á sombra de uma legislação que seria facil compôr, mandar abrir os caixotes.

E a Republica nem sequer para eles olhou.

Ainda lá estarão dentro as joias, o ouro engastado, as pedrarias?

Claro que estão. Não se reduzem as preciosidades metalicas e as gemas a pó, como as carcassas nos panteões e nas valas dos desgraçados.

Mas uma pergunta cabe aqui fazer por quem não conhece o aspecto juridico de uma questão que parece meramente symbolica:

—Para que servem as joias?

Esta causa tem evidentemente uma finalidade: a distribuição do conteúdo dos caixotes. Admita-se—e não faço uma pequena ideia do desfecho desta questão que ainda se pode arrastar outro século, se quiserem—; admita-se que as joias passam aos pretendentes delas.

Que lhes vão fazer?

Usá-las?

Oh joias de D. Miguel—como haveis de ficar mal em bustos de princezas e duquesas, e nobres que o tempo foi nivelando com a burguesia!

Vendê-las?

Quem ha que venda as joias de D. Miguel?

Fazer ouro por ouro, antes as deixem cobrir-se do azebre da historia, nos cofres fortes do Banco do Estado, a imprimir austera nobreza no convívio das barras de ouro internacionalização e sem contraste de patria.

Derrêter o ouro? Oh ouro fino, que ainda toca a Brasil e India, para que nos despojam das pedras de engaste, companheiras de tantos rôres de anos de sonolencia sumptuaria!

As joias de D. Miguel! Se elas eram da Corôa—isto é: da Nação—como acreditar que possam deixar de o ser. Se o que se reivindica são apenas o «anel real» e as gemas de posse privada, que foram á mistura por não ter havido tempo para a destrinça—para quê tanto bulício?

A Monarquia liberal e constitucional, a Republica nas suas fases mais dispares—reconheceram ás joias dos famosos caixotes «I. D. M.» um direito: a inviolabilidade.

Atribuíram-lhe um prestigio: o silencio e a quietude.

Reduziram-nas á função de peso morto. Em boa verdade, os caixotes são lousas de cemiterio. As joias constituem despojos intactos, mas mortos, no milagre da conservação da materia. Não podem ser sequer muntás do Museu das Janelas Verdes.

Se a Justiça austera e indifferente a conceitos litterarios e a sentimentalismos (por puros que sejam) de familia—entender que as joias e o ouro hão-de seguir o seu destino errante, dispersando-se como tropas vencidas pela victoria—até as madeiras dos caixotes hão-de chorar pregos de ratão.

NORBERTO DE ARAUJO

IMPÉRIO-CRISOS-AVIZ

LAR
BOM

MOBILIAS MODERNAS
JOGOS ESTOFADOS
MOVEIS SOLTOS
DECORAÇÕES

Preços excepcionais

Rua Augusta, 240, 1.º

Telef. 2 8811

A QUESTÃO DA PALESTINA

VOLTOU A TRANQUILIDADE

a Jerusalem e a Tel-Aviv

JERUSALEM, 18.—As tropas inglesas entraram esta manhã em Tel-Aviv, depois das desordens causadas pelos judeus.

A Policia carregou com os «casse-têtes» sobre a multidão ferindo doze pessoas. Também fez uso das pistolas disparando para o ar e dispersando os manifestantes.

Os disturbios gravissimos, foram provocados pela divulgação do plano inglês relativo á partilha da Palestina. —(United Press).

Voltou a haver certa calma em Jerusalem e Tel-Aviv

JERUSALEM, 18.—Depois dos incidentes da noite passada, voltou a haver uma tranquillidade relativa nesta cidade e em Tel-Aviv. As autoridades anularam a imposição da hora de recolher. Em Tel-Aviv a greve é completa. O governador ficou ontem ligeiramente ferido durante as desordens. Toda a população, passeia pacificamente nas ruas onde a ordem está assegurada por guardas civicos munidos de braçadeiras e que se encontram de 15 em 15 metros. Está-se organizando o grande cortejo que deve desfilar como sinal de protesto contra a politica do Livro Branco. Nos bairros judeus de Jerusalem reina certo nervosismo. As tropas circulam em camiónes militares para assegurarem a ordem. A bandeira sionista está a meia adriça. No bairro judeu, automobilistas judeus e arabes têm sido insultados. —(Havas).

Aumenta a indignação dos judeus

JERUSALEM, 18.—O incendio das repartições da imigração foi provocado por cinco bombas incendiarias. Dois judeus, guardas do edificio, foram encontrados amarrados á entrada do edificio. A meia noite o sinistro não estava ainda dominado. Devido a outro incendio em Tel-Aviv, as autoridades decretaram o recolher. A imprensa judaica manifesta grande indignação com respeito á nova politica do governo britannico. —(Havas).

TEL-AVIV, 18.—Calcula-se em 5 mil o numero de manifestantes que desfilarão na principal rua de Tel-Aviv agitando bandeiras e cantando canções nacionais. Chegada em frente das repartições publicas, a multidão forçou a porta, espalhou os documentos e lançou pela janela o mobiliario que incendiou. Depois substituiu as bandeiras britannicas pelas cores sionistas—azul e branco—e lançou fogo ao edificio. A Policia interveio e dispersou os manifestantes, sete dos quais ficaram feridos nas desordens com a Policia. —(Havas).

Greve geral dos comerciantes judeus

LONDRES, 18.—De Jerusalem informam a Reuter:—Os comerciantes judeus decidiram a greve geral em sinal de protesto contra o Livro Branco. A greve começou anteontem á noite e deve continuar até hoje, á meia noite. —(Havas).

Os meios sionistas americanos condenam o plano britannico

NOVA YORK, 18.—O plano britannico para a Palestina é vivamente criticado pelos meios sionistas americanos. O dr. Salomão Goldman, presidente do «comité» nacional pró Palestina, publicou um comunicado declarando que aquele plano é intoleravel e inaceitavel. Exprime a esperança de que o povo britannico reconhecerá a grande injustiça desta nova politica. Samuel Goldstein, grão-mestre da organização israelita de Brooklyn, enviou a Roosevelt um telegrama dizendo: «A acção britannica que destruiu os principios da declaração Balfour, não deminuirá a determinação dos judeus de construir na Palestina um estado para os israelitas».

A delegação sionista de Nova York irá a Washington a fim de protestar junto de «sir» Ronald Lindsay, embaixador da Grã-Bretanha. Já ontem a delegação israelita de Washington lhe entregou uma declaração condenando o plano britannico. —(Havas).

APRENDA A DANÇAR

Lições, Treinos, com senhoras, desde 5\$00. Horas á escolha. Prof. Machado. —R. dos Fanqueiros, 286, 1.º, ao Rossio. Telef. 22465.

TAVOLA REDONDA

Tristezas da Primavera

Que querem Vocelencias, se estou hoje com veia triste?

Os primeiros dias de calor dão-me sempre uma sensação de desconsolo de abandono.

As tardes infundáveis produzem-me tal tristeza que só tenho ideias mortíferas ou lugubres.

Só me apetece falar da inutilidade do esforço, da tristeza da existência do punhado de pó que em breve seremos, — e por aí adiante.

Ora, a verdade é que tudo isto é muito «bonito», bastante verdadeiro e assaz profundo, mas realmente pouco útil para fazer uma crónica. Tanto mais que já foi dito, e belamente, por outros muito mais habéis do que eu.

Além de que preciso de tratar da vida; e não é a pensar na inutilidade do esforço que se dão ordens para o jantar, nem a matutar na tristeza da existência que se cuida das fatiolas de verão, nem a lembrar que somos um punhado de pó, que aturaremos, a peixeira, a costureira, a criada.

Enfim, não tenho outro remédio senão levantar o moral, procurando pensamentos mais alegres, ou menos tristes, pelo menos.

Contudo, por mais que faça, não encontro.

Lembro-me do Bucha, do Estica, dos seus disparates; mas nem consigo sorrir.

Recordo a última questão a que assisti, num eléctrico, entre um condutor e um passageiro—como sempre—e também como sempre, a propósito dos meios tostões malfadados.

Procuro reflectir sobre as obras da Avenida Almirante Reis, transformada há meses em campo de treino, para corridas de obstáculos. Não sei se sabem que tem havido ali actos de verdadeiro heroísmo?... Conheço, por exemplo, uma família (e numerosa por sinal) que durante cerca duma semana teve toda de pôr-se de gatas para atravessar a fragil prancha que conduzia ao seu portal.

Vem-me ainda á memoria uma estranha conferencia, a que assisti há tempos.

Tudo sem resultado! Só consegui sentir-me mais «mona» ainda.

Que maçada! Para mais, a ter de escrever uma crónica! De que hei-de falar?

Dos meus dois cágados. Mas se nem sequer os conhecem!

Que interesse lhes pode merecer o facto de o Benjamin e o Barnabé terem acabado de hibernar debaixo da mesa da cozinha e comerem as sopas aos gatos?

Pego aos Benjamins e Barnabés que mo lerem—se é que alguém me lê,—que se não ofendam. Os meus cágados são criaturas muito comedidas, sensatas e dignos do maior respeito.

Dormem, comem, deitam as cabecinhas de fora se os chamam ou se sentem um raizinho de sol, e pronto!

São incapazes de fazer desordem ou de se meterem com os mais. Recusam-se a dar opinião sobre assuntos de que não percebam; são pacíficos, honestos, cumpridores.

Como vêem possuem qualidades que muitos humanos invejariam, se não hovesse o triste costume de invejar exactamente aquilo que menos convem.

Mas, desculpem, realmente os meus cágados não podem ser assunto duma crónica.

Infelizmente, hoje não ha maneira de achar melhor.

Ocorre-me a chegada das andorinhas; mas francamente—aquí entre nós,—não sei se chegaram ou não. Das modas da primavera também nada posso dizer.

Se esta semana nem abri a «Marie-Claire»! O que pode a neurastenia!

Se assim continua só me resta pedir aos meus leitores que escrevam eles as crónicas para me divertirem a mim.

MANUELA PORTO

REX-BAR Telefona 27391
O mais divertido bar da capital. Musica por Fabre.
Aberto toda a noite.

UMA FIGURA DAS LETRAS E DO JORNALISMO

Eduardo Schwalbach
completou 79 anos de idade

Três fases da vida de Eduardo Schwalbach que distam trinta anos umas das outras: aos 19 anos, aspirante de Cavalaria; aos 49 anos, quando estava no ponto culminante da sua brilhante carreira de autor dramático, e hoje, que completou 79 anos em plena lucidez de inteligência e frescura de espirito

Está rijo, e igual a si proprio, este homem admiravel do jornalismo e das letras, Mestre de teatro — que é Eduardo Schwalbach.

Aprumado, só em fugas se deixando levemente encurvar o tronco, tal um fidalgo para compôr a figura; cabelo branco em farrapos de seda sem calva dos prematuros; fortes sobrançelas, brancas como o todo do bigode e da barbicha rala, que nunca quis ser motivo decorativo de tela bíblica; uns olhos penetrantes e aguçados, ignorantes da fadiga de olhar a direita, e — sobre tudo isto, que faria as delicias de Columbo — um sorriso fino, subtil sem cair na ironia facil de Valle Inclán — eis como se nos oferece, em perfil aligeirado de tons, o sr. Eduardo Schwalbach, que hoje completou 79 anos.

Da figura recortada no negro da vestia transparece — um espirito, sem o qual um retrato, mesmo em debuche, é sempre um manequim. Um espirito vicentino puro, que foi a característica mais bela do seu teatro novo de alma antiga — paira, envolvendo o sorriso e acarinhando as arcadas, no semblante deste homem que é do tempo florido em que se usava sobre-casaca e em que toda a superficie da vida se iluminava de alegria.

Neto de um general das guerras liberais — o coronel Schwalbach — Eduardo industriou-se na tropa, tirou o curso na Escola do Exército, frequentou a Politécnica e foi direitinho — ao jornalismo. Isto foi ha 60 anos, a mesma época de orgulhosa juventude de novos e velhos em

que letras, artes, teatro, jornalismo e politica se faziam pela camaradagem e pelo espirito insubmisso.

Se da Bemposta ao «Diário» e «Correio da Manhã» foi um passo, da rua Formosa (e Schwalbach nascera lá, «Bairro Alto» puro) foi outro passo.

Principiou então o desfile das comédias, das revistas, das peças de critica, da graça sem disparate, do sarcasmo sem ponta de fogo — desse conjunto de arte de escrever que já é, em Portugal, um padrão limiar num ciclo da historia da literatura.

Eduardo Schwalbach, penetrando como lamina bem educada de salão, encheu com os grandes do seu tempo — todos os grandes de sobrecasaca e que sabiam rir — uma vida, que hoje atingiu uma bonita conta.

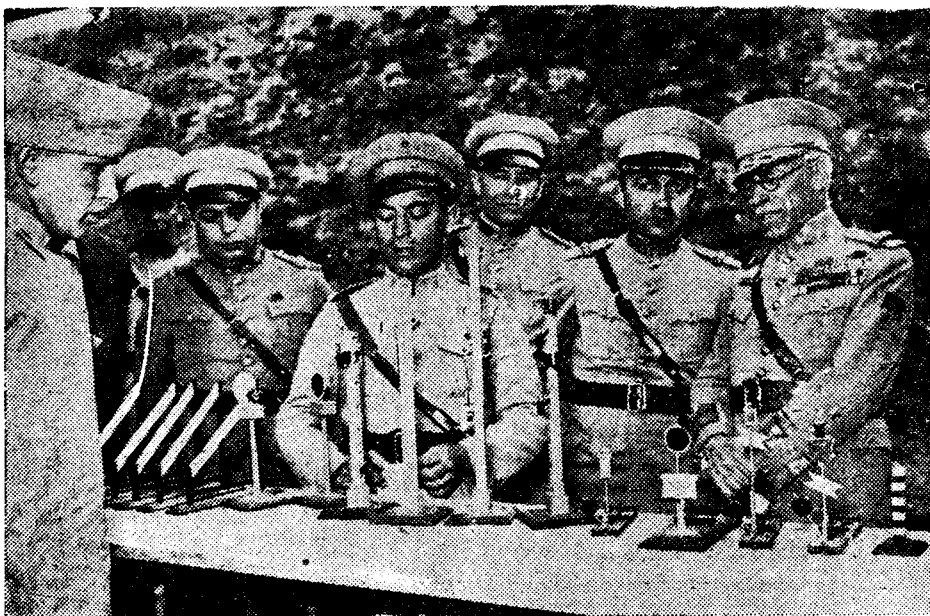
Fômos saudá-lo, na sua qualidade de jornalista, que ha dezasseis anos ocupa na Imprensa portuguesa, á frente do «Diário de Notícias», um lugar de cathedra, daquela de onde se sai, em gloria, para o jubileu.

No discreto da sua saleta de estar, num mundo de retratos e de evocações, ilustrado pelo lapis de Rafael — Eduardo Schwalbach deixou-nos a impressão viva dos seus cinquenta anos — o tempo do «Poema de Amor».

E aqui nestas palavras deixa o «Diário de Lisboa» o cumprimento a alguém que bem mereceu do jornalismo do teatro, da vida lisboeta — e a quem Deus conserve a vida, no seu sorriso picaro de Mestre.

O director da arma de engenharia

em Sapadores de Caminhos de Ferro



O sr. general Raul Esteves, director da Arma de Engenharia, esteve hoje em visita de inspecção, no regimento de Sapadores de Caminhos de Ferro, o qual comandou, como se sabe, durante muitos anos.

Recebido pelo sr. coronel José dos Anjos, comandante da unidade e pelos oficiais, o sr. general Raul Esteves recebeu os cumprimentos de todos, em nome dos quais falou o comandante para fazer o elogio do general e recordar a sua obra naquela unidade. Os sargentos apresentaram a seguir os seus cumprimentos ao director da Arma, o qual agradeceu, em dois breves discursos, as saudações que lhe dirigiram.

Na parada principal do quartel, o sr. general Raul Esteves assistiu depois, ladeado por toda a officialidade, a interessantes exercicios realizados pelos soldados recrutas.

Em seguida o visitante percorreu todas as de «Porto de honra», durante o qual o sr. coronel pendencias do quartel. No final foi servido um José dos Anjos voltou a saudar o general Raul Esteves, o qual agradeceu a recepção que lhe fizeram e destacou a excelente apresentação da unidade. Falaram também os srs. major Cortez Lobão e o nosso colega Carlos de Ornelas, este ultimo para agradecer as saudações dirigidas á Imprensa.

A SESSAO DO MUNICIPIO

A CAMARA OC

Sessão publica mensal da Camara Municipal. Na presidencia o sr. engenheiro Eduardo Rodrigues de Carvalho. Presentes quasi todos os vereadores e directores dos serviços.

O sr. engenheiro Sousa Rego chama a atenção da Camara para os seguintes factos:

Nos passeios de Lisboa, é frequente andarem pessoas carregadas com objectos incomodos para os transeuntes: canastras de peixeiras, caixotes, trouxas.

Ha o hábito de deixar ás portas dos edificios automoveis sem «chauffeur», e ainda ha dias, numa noite de chuva, os convidados dum diplomata estrangeiro apanharam uma carga de agua porque á porta do seu predio estacionavam os automoveis dos inquilinos.

Na avenida Fontes Pereira de Melo ha constantemente, como noutras arterias, verdadeiras corridas entre automoveis e camionetas, com grande perigo para os transeuntes.

Na rua da Alfandega e até Santa Apolonia, camionetas carregadas com algumas toneladas marcham a velocidades inconcebíveis, passando perigosamente diante dos electricos e provocando frequentes desastres.

O sr. presidente dá explicações: quanto ao primeiro caso: ha uma postura (é cumpri-la); quanto ao segundo, vai estudá-lo e procurar resolvê-lo, embora esteja certo de que encontrará grandes resistencias e protestos; quanto aos dois ultimos, a solução não depende da Camara, mas da Policia.

O sr. engenheiro Sousa Rego lembra a conveniencia, para o transito de vehiculos, de cortar a placa da rua Braamcamp, em frente da rua Duque de Palmela.

— O perfil da rua Braamcamp — elucida o presidente — está condenado. Mas veremos se haverá conveniencia em realizar esse corte.

O engenheiro Luiz Costa diz: — Da entrada do Parque Eduardo VII partem, para o lado esquerdo, duas arterias, numa das quais serve uma pèrgola onde se juntam numerosas crianças. Manda a prudencia que nesta ultima seja prohibido o transito de vehiculos, tanto mais que a outra chega e sobra...

O sr. presidente promete estudar o assunto.

O sr. dr. Frade Viegas da Costa salienta a conveniencia de se instalar no Campo Pequeno um matadouro onde os touros sejam abatidos logo depois da lide, e a de dar realização á sua proposta para a concessão de premios de arquitectura.

— Quanto á morte dos touros — esclarece o presidente — estou em branco... Quanto aos premios de arquitectura, está a tratar-se disso.

O sr. Francisco Marques lembra a conveniencia de ir reduzindo ao minimo, até desaparecerem totalmente, o numero de carroças e de carros de mão; protesta contra o lançamento de

O DIA DA ESPIGA

velha tradição lisboeta

As espigas—espigam todos os anos nas searas e nos costumes portugueses. A tradição amortece, mas não se extingue.

Quinta-feira de Ascensão deu a quinta-feira de espiga, arrebaladina e primavera: dois malmequeres, três papoilas rubras, umas folhas de oliveira e o simbolo do pão espigado, que o sol já amadurece, e eis o ramo que se coloca no altares das lares, onde a tradição perdura como o espirito religioso.

Nas ruas da Baixa, quem não foi para os campos pôde celebrar a espiga, adquirindo por cinco tostões o ramo florido que levou para casa, na illusão de um dia bem passado no campo.

Outros tempos, outros costumes: por mais que este lugar comum se estafe, a Espiga teima em perdurar, ao menos como uma palavra que todos trazem consigo.

RESPIRAÇÃO ARTIFICIAL

VOU-SE HOJE

de varios assuntos

de interesse publico

morteiros durante a noite e pede que a Camara sugira aos outros municípios e aos diversos organismos oficiais que, na admissão de trabalhadores, seja dada preferencia aos sindicatos ou filiados em Casas do Povo.

O sr. engenheiro Boaventura Belo propõe que a Camara promova a criação de estabelecimentos higienicos para a venda de peixe.

O sr. presidente diz que o problema está a ser estudado, aguardando-se a oportunidade para o pôr em pratica. Lembra, porém, que a realização do que se projecta impõe despesas enormes:

— Basta lembrar que o pequeno mercado do Bairro dos Actores nos vai custar cerca de 2.500 contos...

Entre o presidente e o sr. Julio Martins trocam-se explicações acerca da criação de estabelecimentos municipais de venda de peixe — que não devem coartar o direito de venda pelas peixeiras, embora o transito destas não seja permitido em algumas artérias.

O sr. presidente, para intensificar a venda de lotes de terrenos municipais para edificações urbanas, propõe que, a partir de 19 de junho, se fixem para essa venda a primeira e a terceira segunda-feira de cada mês, e que pelos menos 48 horas antes de cada uma a Camara anuncie quais são os lotes para vender dois dias depois, além dos que, postos anteriormente em praça, não tiverem comprador, e que voltam à praça automaticamente.

O sr. Julio Martins concorda, mas faz varias considerações tendentes a concluir que a venda de terrenos municipais para edificação deve ser cuidadosamente acautelada. E o sr. dr. Macedo Santos atribue a intervenção do sr. Julio Martins a um «excesso de cuidado». Da mesma opinião é o sr. presidente, que mostra como a proposta acautela as vendas.

Outra proposta dá nova redacção ao artigo 6.º da postura de 16 de fevereiro de 1939, referente aos fiscais do quadro de fiscalização do Gremio Concelhio do Comercio de Carnes, mantendo as funções dos referidos fiscais.

O sr. presidente pede por fim a ratificação dalguns actos praticados por ele desde a ultima sessão publica. E, antes de encerrar a sessão, destaca a importância da iniciativa da Camara de fornecer espectáculos gratuitos aos operarios no dia 1.º de maio. Congratula-se pelo exito obtido e agradece a todos quantos contribuíram para que, nesse dia, se marcasse bem «a diferença entre o passado e o presente».

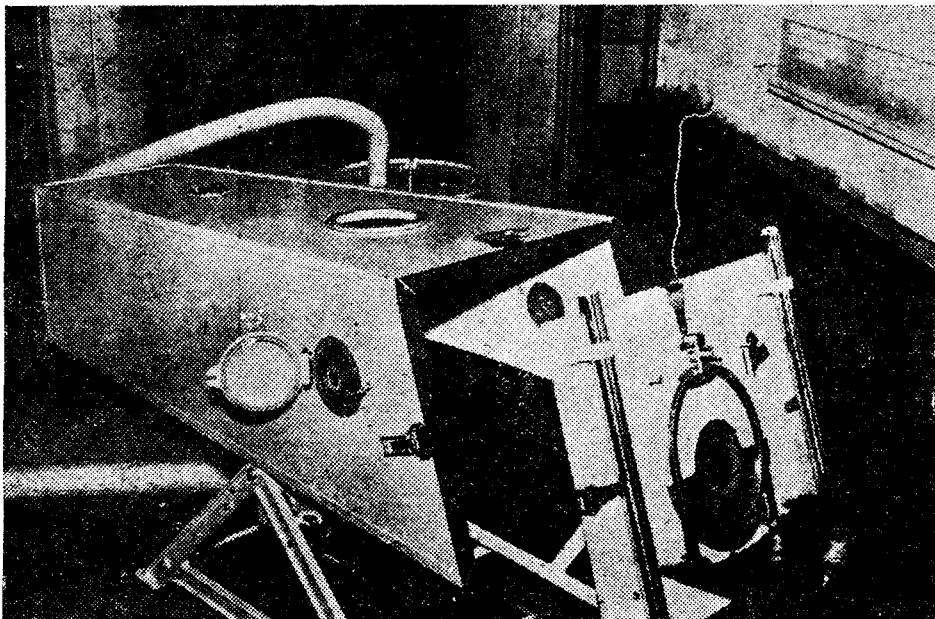
Os srs. dr. Formosinho Sanches e Francisco Marques enaltecem igualmente a forma como decorreram tais festas — o mesmo fazendo os srs. engenheiro Sousa Rego e dr. Frade Viégas da Costa, que salienta a acção do sr. dr. Jaime Lopes Dias, a quem o sr. presidente chama «o apostolo da comemoração».



— Quem compra o raminho da espiga!

Chegou a Lisboa um “pulmão de aço”

identico aos 5 mil que um inglês ofereceu aos hospitais do seu país



O modelo do «pulmão de aço» que se encontra em Lisboa

Ha quatro anos, Fred Snite, filho dum grande milionário norte-americano, foi subitamente atacado de paralisia infantil, quando andava em viagem de recreio pelo Oriente. Incidindo, principalmente, sobre os centros motores dos musculos toraxicos, a doença impedia-o em absoluto de fazer os movimentos respiratorios e o rapaz, não obstante os fabulosos milhões de seu pai, teria morrido em pouco tempo, numa asfixia tragica, se não se tem dado a circunstancia de existir num hospital da cidade em que se deu o accidente um «pulmão de aço», em que logo o encerraram. O mundo seguiu, com emoção, todos os pormenores do regresso à patria do infeliz prisioneiro do monstro metalico. E o «pulmão de aço» entrou, assim, no dominio do grande publico, como um instrumento salvador, que surgia, inesperadamente para defender a humanidade de mais um flagelo.

Na realidade, a camara pneumática que assegura a respiração artificial pela compressão toraxica ritmica não é uma invenção recente. Já em 1876 um medico francês, Woillez, aconselhava um aparelho semelhante para tratamento da asfixia, e, principalmente, da asfixia dos afogados e dos recém-nascidos e, depois da guerra fez-se em França uma larga campanha no sentido de se dotarem os hospitais franceses de tal aparelho.

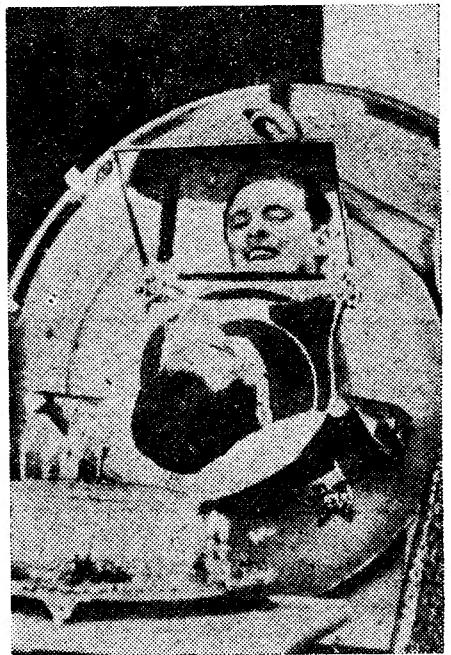
O «pulmão de aço» era, porém, até ha muito pouco tempo, um mecanismo complicado, de fabricação carissima, que não permitia, por esse mesmo motivo, uma larga expansão. Custando mais do equivalente a uma centena de contos, só alguns dos mais ricos hospitais se podiam gabar de tê-lo no seu arsenal. Até que ha tempos, lord Nuffield, o celebre benemerito inglês, resolveu chamar a si o assunto. Encarregou o professor Machtintosh de estudar o problema e de fazer uma revisão de todos os tipos conhecidos da famosa maquina. Após demorados exames, a escolha recaiu no modelo da autoria do australiano E. T. Both, que as fabricas de automoveis Morris, de que lord Nuffield é proprietario, começaram a produzir em grande escala. A primeira série de 5 mil foi distribuida por todos os hospitais britanicos e constitue um generosissimo donativo do conhecido industrial inglês.

Foi um destes modelos que os srs. Vergilio Leitão e Manuel Leitão, proprietarios do Instituto Pasteur de Lisboa, viram numa recente viagem a Inglaterra e resolveram trazer para Portugal, onde ainda não havia um unico aparelho do genero.

Trata-se duma linda caixa onde o paciente se encerra, simplesmente com a cabeça de fora, e em que o ar entra por um tubo, impellido por um motor electrico, e donde sai por uma

valvula especial. Um individuo impedido de respirar, por motivo de paralisia, ou ameaçado de asfixia por outra causa motora, pode ter realmente ali a sua salvação. O movimento de entrada de ar na camara provoca uma expiração forçada dos pulmões do doente, e a inspiração resultará, naturalmente, da elasticidade do proprio torax.

O aparelho exige uma assistência rigorosa por parte do medico que dirige o tratamento e não constitue, só por si, terapeutica infalivel. Precisa de ser acompanhado com cuidados



Fred Snite encerrado no aparelho que o salvou

medicos especiais. Por vezes, no decorrer do tratamento, o doente carece de ser medicamentado. A camara prevê todas as hipoteses e todas as necessidades, pois permite, inclusivamente, por crificios especiais, injectar o paciente em pleno tratamento mecanico.

O modelo que se encontra em Lisboa e de que foi recentemente dotado, com cinco exemplares, o moderno hospital Beaujon, de Paris, por acção de um benemerito, seria para os nossos hospitais uma excelente aquisição. Não haverá ainda em Portugal alguém que queira seguir o filantropico exemplo de lord Nuffield?

IMPERIUM SALÃO

LANCHES-BANQUETES-ALMOÇOS-JANTARES

Rua S. Justa 105-T 27527

No Tribunal da Boa-Hora

A opinião dos peritos

no caso de investigação de paternidade

contra Tomás Alcaide

No tribunal da Boa Hora, prosseguiu hoje, em terceira audiência, o julgamento da acção de investigação de paternidade ilegítima contra o tenor Tomaz Alcaide.

A's 14 e 15 abriu a audiência. A assistência transbordou da sala para os corredores. O sr. dr. Sousa Carvalho assumiu a presidência. A seu lado, sentam-se os srs. drs. Azevedo e Castro e João Eloy.

Os srs. drs. Bustorff Silva, advogado do réu, e Simões Correia, curador dos orfãos, ocupam os seus lugares. Entre as testemunhas que vão depôr, vêem-se caras conhecidas do teatro e da musica: o empresário Ricardo Covões, o pianista Jaime Silva.

O curador dos orfãos requerera que na audiência de hoje fossem ouvidos os peritos do Instituto de Medicina Legal, srs. drs. Teixeira Bastos, Ferreira de Almeida e Luiz Soeiro, e um perito de obstetricia designado pela Faculdade de Medicina. O requerimento foi deferido. E os medicos do Instituto de Medicina Legal compareceram na audiência de hoje, juntamente com o professor dr. Costa Sacadura, escolhido pela Faculdade.

O sr. dr. Simões Correia apresentou novo requerimento, pedindo que aquele professor fosse interrogado sobre diversos pontos da materia em discussão. Por sua vez, o sr. dr. Bustorff Silva requere tambem que o mesmo professor responda a determinadas perguntas que considera importantes para o esclarecimento da causa.

Depõe em seguida o sr. dr. Costa Sacadura, que fala com clareza e facilidade, sem deixar lugar a duvidas. São esclarecidos, um a um, todos os pontos sobre os quais a defesa e a accusação queriam ser elucidadas.

A seguir foi ouvido o sr. dr. Teixeira Bastos, que fez o exame ao sangue de D. Adelaide Costa, de sua filha, e de Tomás Alcaide. Interrogado pelo curador de menores, declarou que á face desse exame, chegou á conclusão de que Tomás Alcaide pode ser o pai de Maria de Lourdes. Quanto á certeza absoluta dessa paternidade, disse não poder sustentá-la em absoluto, em virtude dos referidos exames darem apenas com absoluta segurança a exclusão de paternidade. Por isso, na questão em causa apenas se podia afirmar que o resultado do exame era favoravel á acção de investigação.

Interrogado pelo sr. dr. Bustorff Silva, o perito manteve as suas declarações, falando largamente do caso de baixo do ponto de vista científico.

O tribunal prescindiu do depoimento dos outros peritos, em virtude da opinião destes ser necessariamente a mesma do sr. dr. Teixeira Bastos, pois o relatório encontra-se assinado pelos três medicos legistas.

Suspensa a audiência reabriu ás 17 horas, começando os debates pela intervenção do sr. dr. Simões Correia.

A Ordem dos Advogados

presta homenagem ao sr. ministro da Justiça no proximo dia 24

No proximo dia 24, a Ordem dos Advogados promove uma sessão de homenagem ao sr. dr. Manuel Rodrigues, illustre ministro da Justiça e seu fundador, ao mesmo tempo que inaugura a sua nova sede, no primeiro andar do palacio Regaleira, no largo de S. Domingos.

A sessão revestir-se-á de grande solenidade e a ela assistirão, possivelmente, os srs. ministros do Interior e da Agricultura, advogados inscritos, bem como muitas outras individualidades. O traje é o seguinte: juizes, de béca; advogados, de toga, e estudante, de capa e batina.

O Chefe do Estado foi convidado a presidir á sessão, que começa ás 21 e 30, e durante a qual serão oradores, além do sr. dr. Carlos Pires, presidente da Ordem dos Advogados, o juiz conselheiro sr. dr. Americo Botelho de Sousa, presidente do Supremo Tribunal de Justiça, e o sr. dr. Beza dos Santos, professor da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra.



O azeite Olivar, é vendido
somente em latas de 1 litro, auto-
maticamente cravadas para se
evitar qualquer adulteração ou
fraude.

A lata que serve uma vez não
poderá servir mais.

A' venda em todos os bons estabelecimentos

DEPOSITO GERAL: **Eugenio Gonzalez & C.ª (Filho)**
R. dos Bacalhoeiros, 8 a 20 — Tel. 22244

AZEITE OLIVAR

O uso de bom azeite
é condição essencial
para se fazer comida
sádia

O AZEITE OLIVAR

Sendo de azeitonas
frescas, assegura a
confeccção de pratos
finos

O AZEITE OLIVAR

Pelo fruto seleccio-
nado de que deriva
e o processo rigoro-
samente científico
do seu fabrico ga-
rante um produto de
incontestavel pureza
e muito rico em vi-
taminas

O AZEITE OLIVAR

Porque é de incon-
testavel pureza, e
muito fino, confor-
me analyse de en-
nheiro - agronomo
especializado, re-
comenda-se aos or-
ganismos debilita-
dos e especialmente
para o tratamento
do fígado.

Funerais e Transferências

Agência M. Ferreira dos Santos
RUA DE ARROIOS, 211 — Telf. 41987
SERVIÇO PERMANENTE

O presidente da Bolívia
dirigiu uma mensagem ao povo

LA PAZ, 18.—O presidente Busch dirigiu uma mensagem ao povo da Bolívia em que diz que o país se encaminha para uma melhor compreensão com todos os países, especialmente com os seus vizinhos, para salvaguardar a paz e o respeito pela integridade territorial. A mensagem acrescenta que a Bolívia aderirá a qualquer movimento para criar Sociedades das Nações Americanas e a qualquer organismo que tenda a suprimir os entraves aduaneiros.

«O meu governo, diz a mensagem, não tem analogia nem contacto com os sistemas estrangeiros. O regime actual não significa, de modo algum, a supressão da liberdade e mantém a constituição de 1938».—(Havas).

NOVA YORK, 18.—correspondente do «New York Times», em Buenos Aires, noticia que a influencia politica alemã na Bolívia, sob o regime de Busch, é muito activa. Segundo o referido jornal, é provável que a Bolívia adira brevemente ao eixo Berlim-Roma-Toquio. Acrescenta que o cunhado de Busch, de nacionalidade japonesa, declarou recentemente em Toquio que a Bolívia em breve aderiria ao pacto anti-Komintern.—(Havas).

A viagem de Jorge VI

O primeiro acto oficial do soberano no Canadá

LONDRES, 18.—De Quebec comunicaram à Reuter:

O rei executou o seu primeiro acto oficial como rei do Canadá, assinando o documento que aprova a nomeação de Daniel Roper como ministro dos Estados Unidos no Canadá. O monarca havia dado já verbalmente a sua aprovação antes da partida de Londres. Roper foi ministro do Comercio dos Estados Unidos.—(Havas).

QUEBEC, 18.—A Reuter anuncia que às 14 e 15 (hora de verão inglesa), os reis iniciarão a sua viagem pelas nove províncias do Dominion. Os jornais canadianos e americanos comentam, com entusiasmo, a recepção calorosa feita aos soberanos em Quebec.—(Havas).

Tommy Farr bateu

Larry Gains

PARIS, 18.—O «Auto» informa em noticia de Londres que Tommy Farr bateu ontem à noite em Cardiff o canadiano de cor Larry Gains por abandono ao 6.º round.—(Havas).

DISPA-SE

e vista-se de novo na nossa casa se que-
re andar elegantemente vestido.

FATOS-CALÇAS
GABARDINES

feitos ou por medida, por menos
30 a 50 o/o

CASIMIRAS

para fatos, directamente ao publico e
por preços baratissimos.

CASA INGLESA

Em Lisboa:
Rua Santa Justa, 95, 1.º — (Esquina da
Rua do Ouro), telefone 2 1758.
No Porto:
Rua Santa Catarina, 84 — (Esquina da
Rua Passos Manuel), telefone 6645.

ESTRANGEIRO

Deu-se uma explosão
no Arsenal de Woolwich

LONDRES, 18.—A's 9 horas deu-se uma nova explosão no Arsenal de Woolwich. Consta que há diversos mortos.—(Havas).

LONDRES, 18.—O ministerio da Guerra anuncia oficialmente que a explosão de Woolwich causou 5 mortos e 6 feridos.

Os corpos das vítimas seguiram para a Morgue. As vítimas pertenciam à escola militar científica de Woolwich. A explosão deu-se nas proximidades do campo de tiro do arsenal quando varias pessoas se encontravam perto de um canhão.—(H.).

DESCARRILOU O EXPRESSO
Varsovia-Gdynia

DANTZIG, 18.—O comboio expresso de Varsovia ao porto de Gdynia descarrilou à saída da estação de Dantzig, esta manhã. Sabe-se que há muitos passageiros gravemente feridos. Faltam pormenores.—(United Press).

A aviação brasileira

vai homenagear Gago Coutinho

RIO DE JANEIRO, 18.—Os aviadores que tomaram parte no «raid» de 3 de maio a Porto Seguro e muitos outros que não tiveram ocasião de participar naquela homenagem aos navegadores portugueses, vão promover uma significativa homenagem ao seu comandante simbolico, almirante Gago Coutinho.

A homenagem realiza-se no proximo dia 27 e consta de uma viagem aerea a Guataparã, na qual tomam parte dezenas de aviadores. Até agora já se encontram inscritos 40 aviadores, que descerão na fazenda da família Prado.

O interesse historico desta viagem está na formação de uma «bandeira aerea», de constituição simbolica, dos valorosos feitos dos paulistas para a penetração e conquista do interior brasileiro. A «bandeira» partirá de Porto Feliz, percorrendo duzentos quilometros.—(United Press).

Uma agradável notícia
para quem sofre de
dores de cabeça

V. Exa. pode livrar-se, como por milagre, das dores de cabeça, tomando Veramon. As dores desaparecem em poucos minutos, voltando o bem-estar sem que se note cansaço, sonolência, ou outras sensações desagradáveis.

O Veramon representa o resultado das investigações científicas modernas sobre a melhor composição química, destinada a suprimir as dores de qualquer espécie.

Tem demonstrado a prática clínica em todos os países do

mundo que o Veramon faz desaparecer as dores, sem prejudicar o organismo.

O Veramon combate, dum
modo rápido, enérgico e
seguro

- as dores de cabeça
- as dores de dentes
- as dores nevralgias
- as dores periódicas.

O Veramon é o calmante preferido de quem sabe apreciar o valor dum medicamento.



VERAMON



Tubos com 10 e 20 compr.

MOBILIAS

A casa J. Antunes é a primeira em apresentar as mobílias e decorações mais modernas e de gosto artistico, de fabricação perfeita, a preços economicos

VISITEM OS SEUS ARMAZENS

para apreciarem o que de melhor se fabrica em estilos modernos e antigos

D. João V, Renascença, Holandês rico, etc.

135 — RUA CONDE REDONDO — 137

PEBECO

o dentífrico
sério



Pebeco
proporciona:

gengivas fortes
dentes brancos
halito puro
boca sã

A' venda em toda a parte

Deposito: Pestana Branco & Fernandes Lda. — Lisboa.

Brandy Borges
com água gasosa
ou mineral é um ap-
petivo, agradável,
económico e alto-
mente tónico.

Opiniões da Imprensa

Sobre as negociações anglo-soviéticas

O «Jour» diz:

«Os dois problemas que a França e a Grã-Bretanha deviam encarar em comum nas negociações com Moscovo são os seguintes: trataba-se, por um lado, de atenuar as objecções da Romenia e da Polónia contra a eventualidade da assistência soviética e por outro de coordenar as obrigações contraiadas perante a Polónia ou a Romenia com as que ligam, ou ligarão, os estados garantes à União soviética. Foi sobre este segundo ponto que o governo francês fez a Londres um certo numero de observações ou propostas, de que o gabinete britânico se ocupou anteontem e ontem de manhã».

O «Figaro» escreve:

«Ha razões para crer que as propostas francesas, preconizando um acordo de assistência mutua franco-anglo-soviética constituindo a segunda garantia oferecida aos estados da Europa oriental, já garantidos pela França e a Grã-Bretanha, que acabaram por ser aceites. O governo britânico não foi o unico a tomar conhecimento destas propostas, pois elas foram igualmente comunicadas a Moscovo».

O «Matin» afirma:

«A impressão ontem à noite nos meios politicos era de que a Grã-Bretanha e a França estão prontos a dar satisfação aos Sovietes no que respeita à conclusão dum acordo triangular que seria a base da Frente unida contra a agressão na Europa. A Polónia vai ser sondada para se saber se esse país estaria disposto a cooperar com a U. R. S. S. para este fim. Os circulos oficiais dão a entender que prosseguem activamente as negociações em Londres e em Moscovo».

O «Times» informa:

«A principal diferença entre o plano inglês e o plano francês é que este prevê não que a União Sovietica entre em guerra se a Grã-Bretanha e a França cumprirem os seus compromissos para com a Polónia, a Romenia e a Turquia, e que as duas grandes potencias ocidentais intervenham automaticamente no caso da Russia ser a primeira a ir em socorro dos países balticos, se estes lho pedissem».

O «Daily Mail» declara:

«O gabinete britânico continua hostil à aliança triangular, mas é favorável à ideia dum pacto de assistência mutua que se applicaria em certas condições».

O «News Chronicle» esclarece:

«Corre o boato da proxima visita de Potemkine aos estados balticos, mas nenhum jornal parece informado sobre os projectos immediatos do vice-comissario sovietico para os negocios Estrangeiros. Alguns, esperando que a saude de Potemkine já não se ressinta da recente viagem que fez à Turquia e aos Balcans, falam de novo na possibilidade da sua vinda a Genebra».

Sobre o discurso de Jorge VI

O «New York Times» afirma:

«O soberano põe em relevo a harmonia que reina entre as comunidades canadianas, francesas e inglesas, a qual se funda na dedicação comum à liberdade democratica. Para um povo piedoso, como os canadianos e franceses, o pedido para que a Providencia continue a guiarlos no futuro foi um apelo que tocou o coração de todos. O discurso do rei foi cheio de tacto e senso».

Repe, Limitada

ESTOFOS e DECORAÇÕES

Rua Paiva de Andrada, 7-13

Telefone 2 3860

Lisboa

VASELINAS

LIQUIDAS E FILANTES

Sonap

SOC. NAC. DE PETROLEOS
R. Terreiro do Trigo, 52 LISBOA

APÓS A GUERRA DE ESPANHA

Começaram as festas da vitória

As tropas serão comandadas pelo general José Saliquet

MADRID, 18.—Começaram hoje as festas da vitória em toda a Espanha. A capital apresenta-se vistosa e lindamente engalanada. A animação é verdadeiramente extraordinária. Nos edifícios públicos e em todas as casas particulares vêem-se milhares de bandeiras espanholas, alemãs, italianas e portuguesas, assim como ricas colgaduras e lindas colchas. Por toda a parte se vêem grandes retratos de Franco e de José Antonio Primo de Rivera, fundador da Falange Espanhola. Na fachada do majestoso edifício da Telefónica vê-se um monumental escudo de Espanha e por baixo uma enorme efígie do generalíssimo Franco, envolto numa colossal coroa de louros. Nas ornamentações das ruas e dos edifícios há enormes bandeiras espanholas que medem vinte metros e mais de comprimento e grandes cartazes de saudação a Franco e de enaltecimento ao movimento libertador espanhol.

As ruas e as fachadas dos edifícios estão ornamentadas com milhões de lâmpadas eléctricas de várias cores, que uma vez acesas produzirão um espectáculo deslumbrante. Hoje de madrugada foi experimentada esta rede de iluminação que satisfaz por completo os engenheiros electricistas os quais foram vivamente felicitados pelo «calor», sr. Alcocer.

A' capital chegam constantemente camiões carregados de flores

O «Ayuntamiento» de Madrid concebeu mais uma verba extraordinária de 250 mil pesetas para as despesas com as ornamentações.

Dos arredores de Madrid chegam constantemente à capital numerosos camiões carregados com flores que estão a ser empregados na decoração das ruas, da tribuna presidencial e das outras destinadas ao Corpo Diplomático, aos Mutilados da Guerra e autoridades militares e civis.

Desde as primeiras horas da manhã chegam também ao mercado de Madrid, dezenas de camiões cheios de flores que são adquiridas pelas maderlenas que as destinam para amanhã sobre a capital por ocasião da entrada triunfal do Caudillo.

O general Saliquet comandará amanhã as forças em parada

Também aos aeródromos próximos de Madrid chegam grandes quantidades de flores que os aviões espanhóis, no máximo da força, lançarão amanhã sobre a capital por ocasião da entrada triunfal do Caudillo.

Para se fazer uma pequena ideia do que são as ornamentações de Madrid basta dizer-se que o «Ayuntamiento» comprou 50.000 metros de tecido para a sua confecção e que comprou flores para confeccionar um enorme tapete de 500 metros de comprimento, sobre o qual marcharão as tropas em parada.

A «calle» de Alcalá, a praça de Cibeles, a Puerta de Alcalá e a Praça de Neptuno apresentarão amanhã lindas iluminações. Nas praças principais e nos bairros extremos serão queimados deslumbrantes fogos de artifício.

O general Saliquet, comandante em chefe das forças militares que desfilarão perante o generalíssimo Franco determinou que as mesmas estejam às 8 e 30 nos locais que lhes foram designados e prontas para o desfile que se realiza às 9 horas, depois de ter sido imposta a Caudillo pelos generais laureados, a Grã-Cruz Laureada de S. Fernando.

O vosso receptor é antiquado?
ou funciona mal?

Faça a troca por um famoso

Supersom

Reprodução fiel de todos os sons
Rua da Conceição, 35, 1.º

Leiam hoje o jornal humorístico SEMPRE
FIXE.

A' frente das forças militares marchará a cavalo o general Saliquet que ao passar em frente da tribuna presidencial se juntará ao generalíssimo Franco para dali presenciar o desfile. A seguir desfilarão as forças legionárias italianas, à frente das quais marchará o general Gamba e depois as alemãs da Legião «Condor», comandadas pelo coronel Richtofen.

O governador militar de Madrid publicou uma ordem proibindo amanhã a partir das 8 e 15 a circulação de veículos particulares pelas ruas da capital. Determinou também que o público se abstenha de cantar em grupos. —(United Press).

Os preparativos para o desfile da Vitória

MADRID, 18.—Hoje, dia da Ascensão, o comércio abriu das 9 às 13 horas. Os operários receberam o seu salário completo. As horas em que não trabalham serão recuperadas na próxima semana. Amanhã, desfile da Vitória, é dia feriado. Os operários receberão os salários sem que os patrões possam depois recuperar as respectivas horas de trabalho.

Venderam-se 100 mil metros de estamine com as cores nacionais para a confecção de bandeiras durante estes últimos dias. Uma delegação da propaganda do Estado encomendou 1.200.000 retratos de Franco.

Uma comissão de notabilidades mouras chegou a Sevilha, e partiu pouco depois para esta cidade onde vem assistir ao desfile da Vitória.

Os primeiros destacamentos das tropas italianas que devem participar no desfile já chegaram aqui. Compõem-se quasi exclusivamente de batalhões da divisão «Littorio».

Por ocasião da partida das tropas italianas que se encontravam em Alicante para Madrid, houve uma festa de amizade italo-espanhola. —(Havas).

O aniversario de Afonso XIII

SAN SEBASTIAN, 18.—Amanhã os monarquicos mandam celebrar missa por ocasião do aniversario de Afonso XIII. —(Havas).

Prisões em Murcia e Cartagena

MURCIA, 18.—Foi preso Adriano Sordo, que é acusado de ter comandado um grupo de milicianos que tomou parte no assalto ao quartel de Simancas, e matou muitos presos políticos.

Também foi preso em Cartagena Francisco Gilola, que é acusado de ter assassinado 40 pessoas. —(Havas).

Joga hoje em Vigo

o Foot Ball Club do Porto

VIGO, 18.—Chegou a esta cidade o onze do Football Club do Porto. Jogará às 16 horas no campo dos Balaidos com o Celta de Vigo. Os jogadores portugueses foram entusiasticamente recebidos por milhares de pessoas que vitoriam os nomes de Portugal, de Espanha e dos seus governantes. Por toda a cidade vêem-se numerosas bandeiras portuguesas e espanholas.

Antes do encontro os jogadores portugueses colocaram junto da «Cruz dos Caidos» uma magnífica coroa de louros, enquanto a banda municipal executava os hinos espanhol e português, ouvindo-se por essa ocasião vibrantes «vivas» à Espanha e a Portugal.

A's 15 horas o campo dos Balaidos oferece já um aspecto imponente, estando completamente cheio de público. —(United Press).

A SITUAÇÃO INTERNACIONAL

Chamberlain dirá amanhã

em que ponto se encontram as negociações com a Russia

LONDRES, 18.—O «Financial Times» ao anunciar que Chamberlain fará amanhã «uma importante declaração sobre as negociações anglo-soviéticas» diz categoricamente: «A Grã-Bretanha depois de ter modificado consideravelmente a sua tradicional política oferecendo a sua garantia à Polónia e Romenia, não acharia nem vantajoso nem oportuno tomar compromissos ainda mais vastos». —(Havas).

Weygand saiu de Londres

LONDRES, 18.—O general Weygand partiu de Londres às 11 horas seguindo para Paris. —(Havas).

LONDRES, 18.—Antes de deixar esta capital, o general Weygand declarou:

«Impressionou-me muito o que vi quanto aos esforços ingleses em terra, mar e ar e estou profundamente reconhecido ao povo britânico pelo acolhimento notavelmente caloroso que me dispensou bem como aos meus camaradas». —(Havas).

Hitler continua a sua visita de inspecção

BERLIM, 18.—O Fuehrer inspecionou a zona de defesa aérea nos arredores de Karlsruhe, acompanhado pelo general Milch e assistiu a um exercício de combate executado por um destacamento de defesa contra aviões. Depois inspecionou as obras fortificadas na região da fronteira francesa. —(Havas).

Prossegue a viagem do Duce

ROMA, 18.—O Duce visitou Alexandria, Castelo Mongerate e Montelli, tendo sido recebido com entusiásticas aclamações.

O podestá de Genova comunicou ao Duce que a cidade havia cumprido, rigorosamente, o plano quadrienal.

Mussolini, durante a visita à cidade de Alexandria, deu 50 mil liras para a Juventude Italiana do Littorio; 50 mil para os hospitais; 25 mil para a maternidade local e outras 25 mil para diversas obras de beneficência. —(United Press).

ROMA, 18.—Prosseguindo na sua viagem pelo Piemonte, Mussolini chegou a Novara, vindo de Vercelli. Antes de entrar em Novara, Mussolini visitou uma vasta plantação de arroz dotada com as instalações mais modernas. Foi calorosamente aclamado. O Duce inaugurou os trabalhos de reparação do castelo Visconti assim como o terreno de Cameri, onde estavam alinhados os aparelhos da divisão aérea dos «Dragões». —(Havas).

A viagem de Ciano a Berlim

BERLIM, 18.—Conhecem-se já alguns pormenores sobre a viagem de Ciano que aqui chega no dia 21 do corrente às 11 horas.

Depois das visitas protocolares, Ciano almoçará com Ribbentrop no Hotel Kaiserhoff. A' tarde, visitará o Fuehrer, com o qual terá uma importante conversa. A' noite, Hitler, oferecerá um grande banquete na nova Chancelaria.

Segunda-feira, às 11 horas, é a assinatura solene do acordo germano-italiano. Ao meio dia, os signatários reunir-se-ão na embaixada de Itália. A' tarde, Ciano visitará Goering e á noite será hospede de Ribbentrop que dará uma grande recepção na sua residência de Dahlem.

O ministro dos Negócios Estrangeiros italiano parte de Berlim no dia 23 de manhã. Os círculos políticos alemães afirmam que será publicada a parte essencial do acordo germano-italiano. —(Havas).

Continuam a registar-se incidentes entre polacos e alemães

VARSOVIA, 18.—As autoridades alemãs expulsaram da Silesia de Oppeln 12 polacos, cidadãos alemães, que serão obrigados a partir da zona fronteiriça, dentro de 24 horas, para o interior do Reich. São, na sua maioria, pequenos proprietários rurais.

Anuncia-se que uns quarenta alemães, tendo á frente um professor, assaltaram a escola polaca de Stawnica e obrigaram as crianças a sair das aulas. Depois, destruíram o mobiliário. A Polícia não interveio. A imprensa polaca assinala que foi proibido que se celebrassem na Silesia alemã missas em língua polaca. Os jornais polacos referem-se ainda, com indignação, á violência das autoridades alemãs, por ocasião do censo da população. —(Havas).

Medidas de repressão

VARSOVIA, 18.—As autoridades alemãs prenderam em Brno, na Boémia, o dr. Sobodka, chefe da polícia e 23 agentes, acusados de terem distribuído manifestos contra os alemães. Foram internados na prisão de Spitzberg. —(Havas).

Um desmentido de Roosevelt

WASHINGTON, 18.—Roosevelt desmentiu que tenha o proposito de convocar uma Conferencia Internacional Economica. —(United Press).

Declarações de Lindbergh sobre as forças aéreas americanas

WASHINGTON, 18.—Afirma-se que Lindbergh, na comissão orçamental da Camara dos Representantes, declarou estar de acordo com o Departamento da guerra para acelerar o reforço do exercito aereo dos Estados Unidos. Alguns membros da comissão afirmaram que Lindbergh teria dito calcular a capacidade de produção do Reich em 20 mil aviões por ano, acrescentando que os aviões de ataque e de bombardeamento ligeiros do Reich são melhores do que os aparelhos dos Estados Unidos da mesma classe, mas não podem comparar-se ás fortalezas volantes dos americanos. —(Havas).

Ministro polaco em Paris

PARIS, 18.—Rose, sub-secretário do ministerio da Industria e Comercio polaco, chegou a esta cidade vindo de Londres. —(Havas).

A's 17 horas

Manifestações em portos britânicos

LONDRES, 18.—Durante a proxima semana, varias unidades da marinha franceza farão uma visita a varios portos britânicos. Alguns desses navios irão, na terça-feira, a Cardiff para uma visita do quatro dias. Em 25 de maio o «Dunkergue» e o «Strasbourg» chegarão a Liverpool onde devem demorar-se dois dias. —(D. N. B.).

A GUERRA SINO-JAPONESA

Os marinheiros japoneses deixarão progressivamente Ku-Lang-Su

TOQUIO, 18.—A's 15 horas Renze Sawada, vice-ministro dos Estrangeiros, deu a «sir» Robert Craigie, embaixador da Grã-Bretanha, a garantia de que os fuzileiros de marinha japonesa evacuariam progressivamente a Ilha de Ku-Lang-Su. —(Havas).

A resposta americana ás propostas japonesas

WASHINGTON, 18.—A resposta americana ás propostas nipônicas para a revisão dos estatutos de Changai está redigida em termos firmes e diplomaticos: recusa-se a discutir modificações definitivas em exclusivo beneficio do Japão. —(Havas).

As relações anglo-nipônicas

LONDRES, 18.—Respondendo a uma pergunta feita por um deputado que desejava saber se o governo britânico contra aproximar-se do governo japonês para concluir um pacto de não-agressão. Butler declarou hoje que, em vista dos governos inglês e nipônico serem signatarios do pacto Briand-Kellog, essa diligencia não lhe parece necessaria. —(Havas).

Você está para casar?

Dirija-se á Rua dos Sapateiros, trinta e dois, e compre tapetes, etamines, passadeiras, etc. Casa Ellisio Santos

ARCADIA

Hoje, 5.ª feira da Espiga — Grande noite de festa, com um atraente programa por afamados artistas e a orquestra Portugal com o seu Pedrinho.

TEATROS E CINEMAS

Imagem do dia

«Encarceradas!» é a palavra que anda de boca em boca, que toda a Lisboa pronuncia, que mais curiosidade desperta neste momento.

É também o título dum dos mais belos filmes que se têm exibido entre nós, rico de emoção, de humanidade, de substância psicológica.

Imaginem uma prisão de mulheres, onde vêm dar fundo os tipos mais diversos e os casos mais fantásticos da escola do crime, desde a menina romântica que se sacrificou por um noivo até às delinquentes natas caracterizadas por Lombroso. Documentário vivo, eloquente da alma feminina, encerra uma lição de moral que ninguém deve deixar de ver.

Francis e Ruth, no Trindade

Conforme temos noticiado, Francis, o grande bailarino português, com a sua «partenaire» Ruth Walden, partem, no dia 1 de junho, para Nova York, onde vão exhibir-se no Pavilhão Português, na Exposição daquela cidade. A convite, porém, do empresário e nosso amigo José Loureiro e para satisfazer solicitações do grande publico de Lisboa, o grande bailarino português realiza as suas despedidas, depois de amanhã, no Trindade, com um novo recital em que apresentará a sua maravilhosa coleção de danças e bailados portugueses e brasileiros.

Atrás do reposteiro

A companhia Maria Matos estreia-se amanhã, no Sá da Bandeira, com a comédia «Os Anjinhos».

Só esta noite se realiza no Variedades o ensaio geral da opereta «Ribatejo», cuja estreia está fixada para amanhã, em duas sessões.

O actor Carlos Leal estreia-se na próxima segunda-feira no papel de «compêre» da revista do Apolo «Lá vai Lisboa». Os actores Alvaro de Almeida, Aurélio Ribeiro e Carlos de Barros passam a interpretar, a partir desta data, os papéis de Alfredo Ruas e Barroso Lopes.

O Teatro do Povo, com o seu elenco masculino formado pelos actores Francisco Ribeiro (Ribeirinho), Alfredo Ruas, Barroso Lopes e Luiz de Campos, percorrerá, este ano, os distritos do Porto, Braga, Viana do Castelo, Vila Real e Bragança.

Os jornais do Rio de Janeiro publicam uma representação assinada por muitos escritores brasileiros, enviada ao presidente Getúlio Vargas, protestando contra as explorações dos teatros daquela cidade por companhias estrangeiras, cujos repertórios sejam do mesmo género das companhias nacionais.

Um posto emissor do Rio de Janeiro, de acordo com o jornal «A Noite», lançou um concurso de caricaturas de Beatriz Costa, com varios premios, que serão concedidos aos vencedores na noite da estreia daquela artista no Teatro Republica.

A companhia Adelina-Aura Abranches estreia amanhã, no Nacional, a sua terceira peça desta temporada, a comédia em 3 actos, «Sorte Grande».

Dissolveu-se ontem, á noite, a sociedade do Maria Vitoria «Artistas Associados» que, segundo nos dizem, vai ser substituída por outro organismo semelhante.

O actor Sales Ribeiro vai ensaiar, em Faro, a opereta «A Leiteira de Entre Arroios», que ali será representada por um grupo de amadores.

O actor José David transferiu a sua recita que depois de amanhã devia realizar-se no Club Estefania, com a opereta «A Morgadinha do Caeem», para o dia 28.

Dois filmes, no Odéon e no Palacio

Dois filmes compõem o novo programa dos cinemas Odéon e Palacio: «Três malucos a cavalo», o melhor dos irmãos Ritz, melhor que os irmãos Marx, duma graça espontânea e permanente que atinge por vezes uma vibração comica já mais alcançada, como seja na altura das corridas de cavalos; e «Charlie Chan em Honolulu» que, aparte a indicação de lugar, apenas marcado por cenário e sobreposição inicial, tem interesse policial, e ainda outro interesse—o de vermos como Sidney Toler procura continuar o tipo de «detective» oriental criado pelo malogrado Warner Oland, o que consegue honestamente, aumentada até a expressão de bondade do honrado chefe de numerosa prole amarela.—Visor 39.

APOLO A's 9 e 11 horas
A revista de «Artistas Unidos»
LÁ VAI LISBÔA!
DOMINGO: MATINÉE E 2 SESSÕES

O MAIOR ACONTECIMENTO ARTISTICO DA TEMPORADA

OLGA PRAGUER COELHO

A embaixatriz da canção brasileira, chega hoje a Lisboa e estreia-se amanhã, em «fim de festa», no Politeama



No rapido da noite, chega hoje a Lisboa, vinda de Paris, a fulgurante cancionista brasileira Olga Prager Coelho. Nomeada, pelo governo do seu país, para exercer a sua arte, de caracter cultural, em missão oficial através do mundo, a illustre artista faz amanhã entrega das suas credenciais ao publico de Lisboa, após dois anos de constantes apoteoses em toda a Europa. Já dissemos do seu valor, da opinião e do conceito em que a têm as maiores autoridades da critica. A gravura que acima inserimos, bem como as referencias que temos vindo publicando, declinam a alta categoria artistica de Olga Prager Coelho, que fez vibrar de entusiasmo as platéas de Paris, Londres, Berlim, Roma, Milão, Budapeste e outras. Este cortejo de louvores, que tomou o seu nome famoso em todo o mundo, radica-nos no espirito a convicção, a absoluta certeza de que Olga Coelho paira muito além das expressões de que fomos interpretes. A sua formosissima figura de mulher, a sua primorosa educação, como senhora da melhor sociedade fluminense, a maravilha da sua arte manifestada numa simplicidade encantadora, são factores que, vividos

em frente do publico, mais realçam o seu valor —o valor duma projecção que seduz e encanta. E já agora, que a sinceridade não deixa atrair a nossa profunda admiração pela artista, seja-nos permitido fazer ao publico esta prevenção: Quem espera ver em Olga Coelho a vulgar interprete do «samba», do «maxixe» ou das classicas «modinhas» do Brasil, exteriorizadas em requebros de ancas, olhares maliciosos ou atitudes impudicas—não vá ao Politeama. Olga Coelho, uma intelectual da musica, é a antítese de tudo que representa pornografia ou atrevimento, dentro da sua arte.

Olga Coelho é a Embaixatriz da Canção Brasileira. Esta prerrogativa, feita com o «agreement» do governo do Presidente Getúlio Vargas, põe-na ao abrigo de todas as suspeitas e merecer de Portugal o mesmo carinho, o mesmo entusiasmo, a mesma consagração que toda a Europa, em admiração incondicional, lhe tributou.

Na «gare» do Rossio, onde Olga Coelho chega hoje cerca da meia noite, prepara-se uma recepção triunfal, á qual nos associamos, em homenagem á Artista e ao Brasil.

TEATRO NACIONAL

Hoje, ás 9 e 45
Companhia Adelina-Aura Abranches
ULTIMA REPRESENTAÇÃO
UM CASO SERIO...
a comedia da org. lhada
FIM DE FESTA
Preços baralissimos—Amanhã a engracada comedia **SORTE GRANDE**.

AVENIDA

A's 9,45 h.

UM TRIUNFO COLOSSALISSIMO

CONSCIENCIA

Uma peça original do
DR. RAMADA CURTO
Domingo: 1.ª «matinée», ás 4 horas
CONSCIENCIA

PROGRAMAS DE HOJE

HOJE — A's 21 — Telef. 2 1172

ULTIMA



São Luiz
Barbeiro de Sevilha

Recita fora de assinatura



CENTRAL
Romance duma fugitiva

com Joan Bonnet e Frederick March

ODEON
A's 21 e 15
Telef. 2 6283

Charlie Chan em Honolulu

com Sydney Toler

PALACIO
A's 21 e 30
Telef. 4 7163

3 malucos a cavalo pelos irmãos Ritz

CAPITOLIO
Telef. 2 7493 A's 21

Perdeu-se uma milionaria Valente até ao fim

TIVOLI

Encarceradas

A's 21 e 30
TELEF. 5 0595

com Saly Eilers, Louis Hayward e Anne Shirley

POLITEAMA

Hoje não ha espectáculo
Amanhã, estreia do filme

A's 21 e 30
Telef. 26305

Não conheço essa senhora e a artista brasileira Olga P. Coelho

REX
Telef. 2 9856
A's 21

Aldeia da Roupa Branca Ameaça publica

PARIS
A's 21 horas

Viver não custa Tempos modernos

ROYAL
Telef. 45037
A's 21

Aldeia da Roupa Branca Marca do Zorro Fados por Herminia Silva

A 5.ª EDIÇÃO DO NOVO DICCIONARIO

da Lingua Portuguesa

está obtendo grande sucesso editorial

O que sobre esta notavel obra escreveram os consagrados escritores e academicos drs. Julio Dantas e Agostinho de Campos

O grande «Dicionario», de Candido de Figueiredo, foi sempre o mais apreciado e preferido por todos os estudiosos, não sendo assim de estranhar o sucesso que está obtendo a 5.ª edição.

Do prefacio desta nova edição, traçado magistralmente pelo eminente escritor e illustre presidente da Academia das Ciencias de Lisboa—Julio Dantas—transcrevemos as seguintes passagens:

«O Dicionario de Candido de Figueiredo, sucessivamente melhorado, ampliado e trabalhado pelo seu autor, é hoje, sem duvida, o melhor dicionario da lingua portuguesa; o mais opulento, o mais «vivo», e, tecnicamente, o mais perfeito».

«Entendo que a solução dada ao problema pelos Editores do Novo Dicionario, enriquecendo e actualizando este instrumento de consulta, constitue um relevante serviço á linguagem portuguesa e uma homenagem prestada ao nome glorioso de Candido de Figueiredo».

JULIO DANTAS

O insigne professor, director da Faculdade de Letras, Mestre indiscutivel da nossa lingua—Agostinho de Campos—escreveu:

«Tarefa ingrata e ingloria a de organizar um grande dicionario. Poucos apreciam o trabalho heroicamente miudo que ela exige; muitos se apressam a criticar com então uma outra humana e inevitavel imperfeição, e não se lembram de agradecer milhares de acertos pacientes e beneficos. Tem-se por vezes notado que os que nunca fizeram nada são os mais pontuais em pôr embargos ao resultado do esforço de quem fez alguma coisa, e o melhor que pôde».

«Com devoção, seriedade e modestia, desde longos anos, no Brasil e em Portugal, o sr. Jorge Guimarães Daupias se tem dedicado a observação atenta e ao estudo cuidadoso da linguistica, da dialectologia, da lexicologia. Os que, como eu, o conhecem e apreciam pelos seus esforços e serviços de paladino da Lingua Portuguesa hão-de receber com jubilo a boa noticia de lhe haver sido entregue o difficil encargo de preparar a quinta edição, ampliada e actualizada, do excelente Dicionario de Candido de Figueiredo».

AGOSTINHO DE CAMPOS

A 5.ª edição do NOVO DICCIONARIO DA LINGUA PORTUGUESA está sendo publicada em tomos mensais de 80 paginas ao preço de Esc. 9500 cada tomo, e constituirá uma obra em 2 volumes, pouco mais ou menos 2.400 paginas no formato 26x19, a concluir no proximo ano. A LIVRARIA BERTRAND garante a pontual publicação da obra, nunca menos de um tomo mensal.

A venda do 1.º tomo, que se remete tambem á cobrança, pelo correio, por Esc. 10500, e que pode ser examinado em qualquer livraria de Portugal, Ilhas ou Africa. Pedidos á LIVRARIA BERTRAND, rua Garrett, 73—LISBOA.

EDEN

Diabo Louro

A's 21 e 30
Telef. 2 0768

com Miriam Hopkins e Ray Milland
Complementos vivos

CONDES

Principe do meu coração

A's 21 e 30
Telef. 2 2523

com Reda Cairo, Collette Darfeuil e Roand Toutain

LYS

Um sonho côr de rosa Minha mulher du s vezes

TERRASSE

Um sonho côr de rosa Minha mulher duas vezes

CASINO

A's 21 e 30

ESTORIL

O Processo Lafarge

ROYAL CINE

A's 21 e 30 — Telef. 110

PAREDE

O Duque de Oeste Point

Vida mundana

ANIVERSARIOS

Fazem amanhã anos as senhoras:

D. Maria José de Ortigão Burnay de Gusmão, D. Josefina Wren da Silveira Viana, D. Maria José de Barros Lima Salgado, D. Maria Luiza de Melo Ulrich e D. Isabel de Mascarenhas Gentil.

NASCIMENTOS

—Nos quartos particulares da Maternidade Alfredo Costa, teve o seu bom sucesso, dando á luz uma criança do sexo masculino, a sr.^a D. Ana Homem de Almeida Rodrigues Blanch.

A CARIDADE

Nos jardins do Palacio Burnay

E' cada vez maior o interesse que estão a despertar no nosso meio elegante as festas de caridade que uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade leva a efeito nos jardins do Palacio Burnay, á Junqueira, nos dias 27 e 28 deste mês e 3, 4, 10 e 11 do proximo mês, a favor da Casa de Protecção e Amparo de Santo Antonio, e que constarão de um «arraial português».

Além dos habituais divertimentos nas festas populares, haverá um teatro em que serão apresentadas varias danças por um gentil grupo de meninas e rapazes da nossa primeira sociedade, que Francis ensaiou.

NA COSTA DO SOL

No Estoril-Palacio-Hotel

Amanhã realiza-se mais um elegantissimo «jantar á americana» nos salões do Palacio-Hotel e que, a avaliar pelos anteriores, deve marcar como animação e concorrência.

Para o jantar de amanhã sabemos que estão já marcadas muitas mesas por familias da sociedade e da colonia estrangeira.

DOENTES

Do hospital de S. Luiz, onde foi operado pelo sr. dr. José Paredes, saiu, completamente restabelecido, após algumas semanas de permanencia, o sr. dr. Gomes Mota, que retomou a sua actividade.

LANCHES PARA CASAMENTOS

CONFETARIA NACIONAL

Rua da Betesga, n.º 59 a 65

MARIELLA, L.

Especializada em enxovais para noivas. Rua Joaquim Antonio de Aguiar, 35, r/c., D.^{to}.—Telefone 42434.

Dr. Bastos Gonçalves

Calçada da Estrela, n.º 129-r/c

Meias Finissimas

A preços baratissimos só no

Campião das Meias

Rua S. João Pinto, 16 D (A. Ch...



D. Maria Cristina Barral Moniz Tavares

FALECEU

Confortada com os sacramentos da Igreja

Carlos Barral Moniz Tavares e sua filha Natalia Moniz Tavares, Berta Barral Moniz Tavares, Maria Adelaide Barral Moniz Tavares de Mattos Taquenho, seu marido Antonio Augusto de Mattos Taquenho e fillos. Virginia Moniz Tavares, Olimpia da Silva Moniz Tavares e fillos, e mais familia, cumprem o doloroso dever de participar a todos os seus parentes e ás pessoas das suas relações, que toi Deus servido chamar a sua Divina Presença, a sua muito querida Mãe, Sogra, Avo, Cunhada e Tia, D. Maria Cristina Barral Moniz Tavares, e que o seu funeral se realizara amanhã, sexta-feira, 19, pelas 11 horas, saindo o prestito funebre, da sua residencia, na rua D. Estefania, 120, para jazigo no cemiterio Ocidental.

AGENCIA BARATA

Romagem de combatentes portugueses aos campos da Flandres

Despertou o maior entusiasmo a noticia publicada em tempos sobre a realização de uma romagem de combatentes portugueses aos campos da Flandres, em 14 de julho proximo, sob o patrocínio da «Confederation Nationale des Anciens Combattants et Victimes de la Grande Guerre». Foi grande o numero de interessados que se inscreveram para dela fazerem parte. Como, porém, aquella confederação tenha manifestado o maior empenho em organizar um programa de molde a oferecer aos seus camaradas portugueses uma carinhosa recepção, é já muito limitado o tempo disponível para se assentar nas bases definitivas, não só da organização deste programa para aquela data prefixa, como para garantir as condições excepcionais de inscrição.

Assim, a comissão organizadora resolveu, de acordo com a «Confederation Nationale des Anciens Combattants», que esta romagem se realize no proximo ano.

Caramelos «CONFIANÇA»

Os unicos nacionais. Um produto da Fabrica de Bolachas e Biscoitos «Confiança». Peçam esta especialidade. A' venda em toda a parte. Quilo 28\$00.

PROCURADORIA

DOS

SENHORIOS

R. FANQUEIROS, 235, 1.º (Esquina St.^a Justa)

TELEFONE 23657

O «Baile da Radio», realiza-se no sabado, 27

A exemplo do que se faz de há muito em Paris, Berlim e Londres e noutras capitais europeias, Lisboa vai ter, anualmente, o seu «Baile da Radio».

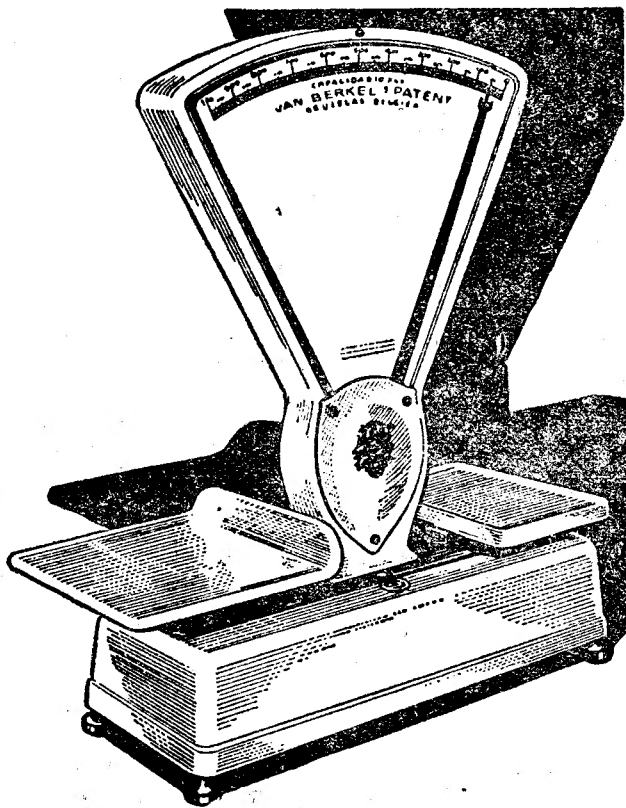
Na noite de 27 deste mês, sabado, os salões do Clube dos Restauradores (Maxim's) serão pequenos para conter toda a nossa sociedade elegante e membros do Corpo Diplomático acreditado no nosso país. Patrocinado pela Emissora Nacional, realiza-se ali o «I Grande Baile da Radio». O programa de variedades—do qual farão parte as mais conhecidas artistas de Radio—está a ser organizado com todo o carinho e selecção, tanto mais que o produto liquido do baile reverte inteiramente para o Fundo de Assistencia da Emissora Nacional. Os bilhetes de entrada, incluindo os serviços de ceia e chocolate, custam, apenas, 50 escudos. Como a lotação da sala do Maxim's é de 800 pessoas, as inscrições são limitadas até esse numero e podem fazer-se desde já na Secretaria Geral da Emissora Nacional, rua do Queilhas, 5.

Publicações

«Revista do Sindicato dos Construtores Civis»

Saíu o n.º 2 da revista official do Sindicato Nacional dos Construtores Civis, que mantém o magnifico aspecto do seu primeiro numero.

E' impressa em bom papel e recheada de assuntos de palpitante interesse para a construção civil do país, em especial para a classe de que é porta-voz.



BERKEL

Robustez
Sensibilidade
Exactidão

a balança de mais alta qualidade

FIM DE ESTAÇÃO E BALANÇO



Aproveitem os grandes abatimentos em parures de Raposas Argentéas, azues e brancas, grande sortido, e outras nacionais e estrangeiras. Capas e casacos, etc., e uma bonita colecção de cintos.

PELARIA CONFIANÇA

Rua da Palma, 3 — Telef. 28157 — Casa de peleiro (fabricante)

Vida desportiva

BASKET

O Belenenses ganhou o torneio feminino de «O Seculo»

Ficou ontem concluido o torneio feminino organizado com tanto exito pelo nosso colega «O Seculo». Ao recinto reservado do Parque Eduardo VII acorreram milhares de pessoas e os dois jogos foram disputados num ambiente de verdadeiro entusiasmo.

Antes da final, em jogo complementar, as «equipes» do Matadouro e da Cuf do Barreiro fizeram uma exhibição regular pelo equilibrio verificado. O «team» da margem sul do Tejo saiu vencedor pela tangente, 4-3.

O segundo jogo foi sem duvida aquele que despertou maior interesse. As finalistas alinharam no meio do terreno, perante uma ovação invulgar em partidas de «basket». O cenario era admiravel e dava-nos a impressão de que se ia assistir a um grande acontecimento desportivo.

Tanto as raparigas do Belenenses como as do Ateneu Ferroviario não iludiram a expectativa, porque fizeram uma exhibição aceitavel, se levamos em conta que o «basket» feminino está na fase embrionaria.

O Ferroviario, a-pesar do seu jogo de conjunto, não consentiu triunfar. O grupo belenense mais experimentado no lançamento foi marcando sucessivamente e chegou ao final a ganhar por 12-1. Vitoria merecida, tanto mais que o Belenenses é o actual campeão de Lisboa.

O grupo Ferroviario deve cuidar mais da sua defesa, pois varias vezes vimos as jogadoras adversarias completamente desmarcadas, sem incidir sobre elas qualquer vigilância. A linha atacante rapida e demonstrou um pouco mais de facilidade nos lançamentos, muito embora tivessem perdido alguns em consequencia do esferico não partir das mãos com o efeito desejado.

Torneadas estas falhas absolutamente naturais, o Ateneu deve ficar com uma boa «equipe». Assim terminou esta bela iniciativa do «Seculo», que resultou num triunfo para o «basket» feminino, que nestas duas jornadas deve ter conquistado mais algumas praticantes e numerosos adeptos.

TIRO A CHUMBO

No Club dos Caçadores Portugueses

No «stand» do Club dos Caçadores Portugueses, na quinta dos Pilares, em Benfica, realiza-se no proximo dia 20, pelas 16 e 30, um torneio de tiro a chumbo, para a 3.ª disputa da «Salva General Silveira», em «skeet», e para a 3.ª disputa da «Salva Santo Hubertus», em prancha.

—Nos dias 10 e 11 de junho efectua-se no mesmo «stand» um torneio de tiro aos pombos, em homenagem ao dedicado socio sr. Fernando Navarro

Jôgo do Sólo

Licções individuais e em curso, pelo professor RIBEIRO DUARTE. Ensino rapido, preços módicos.

LEITARIA «A PRIMAVERA»

Rua 5 d. Quatro CARCAVELOS



Julio Canongia

FALECEU

Confortado com os Santissimos Sacramentos da Santa Madre Igreja

Cristina Canongia, Emilia Telhado Canongia, Maria Emilia Canongia Lopes, seu marido e fillos, Carlos Canongia, sua mulher e fillos, Manuel Canongia, Maria do Carmo Canongia de Beja e seu marido, Antonio Canongia, sua mulher e filha, Alvaro Canongia e sua mulher, Maria Amalia Dias, Alexandre Salgado Dias, Antonio Salgado Dias, Maria Luiza Telhado, seus fillos, noras, genros e netos, e mais familia cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu muito querido e chorado filho, marido, pai, sogro, avô, irmão, cunhado, sobrinho, primo e parente, e que o seu funeral se realiza amanhã, 19, pelas 10 horas, saindo da rua Santo Antonio da Gloria, 87, 2.º, para o cemiterio oriental.

Trata Agencia Monteiro, Rua da Rosa, 17. Tel. 24257

VISITA DE ESTUDO

Os alunos da Escola Comercial de Rodrigues Sampaio, acompanhados pelos professores d. José Pires Cardoso e Luiz P. Pinto de Campos, visitaram as instalações da Emissora Nacional, em Barcarena, onde apreciaram a forma como os serviços estão montados e onde lhes foram dadas interessantes explicações por parte do respectivo pessoal técnico. Outro grupo de alunos da mesma escola fará idêntica visita no próximo domingo.

EXPOSIÇÃO DE AVICULTURA

Tem continuado a ser muito visitada a exposição de avicultura que está patente até amanhã.

A exposição, levada a efeito nos salões da Associação da Agricultura, largo do Chiado, n.º 8, é digna de ser visitada, pois encontram-se ali belos exemplares que obtiveram altas classificações.

Doença súbita e mortal

Deu entrada na Morgue José Dias Monteiro, de 65 anos, servente dos Correios e Telefones, morador na rua dos Sapadores, 115, 1.º, que foi acometido de doença súbita, na central dos Correios, onde estava a trabalhar, falecendo pouco depois.

CARTAZ

TEATROS

NACIONAL—A's 21 e 45—«Um caso sério...».
APOLO—A's 21 e 45—«Lá vai Lisboa!».
AVENIDA—A's 21 e 45—«Consciência».
S. LUIZ—A's 21—«Barbeiro de Sevilha».

CINEMAS

TIVOLI—A's 21 e 30.
POLITEAMA—A's 21 e 30.
EDEN-TEATRO—A's 21 e 30.
CONDES—A's 21 e 30.
CAPITOLIO—A's 21.
CENTRAL—A's 21 e 15.
ODEON—A's 21 e 15.
OLIMPIA—Das 14 e 30 às 0 horas.
PALACIO—A's 21 e 30.
CHIADO TERRASSE—A's 21 e 15.
COLISEU—A's 21 e 30.
REX—A's 21.
ROYAL—A's 21.
SALÃO IDEAL—Rua do Loreto.
JARDIM CINEMA—Domingos e 5.ª feiras

Comboio de excursão a Evora-Estremoz e Vila Viçosa, em 21 do corrente, organizado pela C. P.

Partida pelas 7 horas da estação de Lisboa-Terreiro do Paço, onde chega no regresso pelas 0 e 45. Vêr horário e condições no cartaz.

Preços populares: — Para Estremoz e Vila Viçosa: 44\$00 em 2.ª classe e 33\$00 em 3.ª. — Para Evora: 30\$00 e 22\$00. Incluindo almoço e jantar no Hotel Alentejano: 52\$00 e 44\$00. Bicycletas, 3\$00.

Os bilhetes são também válidos de e para Barreiro, Pinhal Novo, Casa Branca, Azaruja e Ameixial e prorrogáveis para regressar de Evora, Ameixial, Estremoz e Vila Viçosa até ao dia 25, pagando uma taxa.

Inscrição e prorrogação nas Informações da Estação do Rossio. Lotação limitada.

A's pessoas da província que queiram utilizar este comboio, é concedida a redução de 45 % entre qualquer estação da C. P. e o ponto em que possam tomá-lo. Dirigir-se ao Serviço de Turismo da C. P. — Estação do Rossio, 1.º andar — Lisboa. (Telefone 2 4146).

Estação de Serviço
De melhores peças, repõe a parafusos em todos os veículos.
MOTOR PALÁCIO
Escola Automobilística
profunda pela seriedade e competência dos seus docentes, facilitando uma aprendizagem rápida e agradável.

BICICLETAS
Grande baixa de preços
Pneus MICHELIN
ARMANDO CRESPO
116 — Rua Crucifixo — 124
Telefone: 2 7627

Atum em Azeite ?!
PURO DE OLIVEIRA
Só TENORIO...
Recomendavel tambem
aos debilitados

A IX Feira do Livro

vai oferecer grandes surpresas

A comissão organizadora da «Feira do Livro» preocupa-se em dar este ano ao curioso certame características próprias, muito diferentes da colocação, a preços baixos, dos livros que o publico não retirou das estantes das livrarias. Tornar a «Feira» uma exposição que traduza o índice do movimento editorial português e da predileção do publico pelas diferentes modalidades da moderna literatura ao pensamento dos seus actuais organizadores.

A missão educativa do certame está bem patente na realização de conferencias no recinto da «Feira» destinadas a orientar o grande publico e a criar espirito critico nas classes menos ilustradas. Estas conferencias serão radiodifundidas.

O aspecto exterior da «Feira» vai melhorar consideravelmente com a aprovação do novo modelo de barracas de ferro e contraplacado de sobria elegancia. A venda de livros especializados de diversos ramos de ciencia e de historia ocupará estantes proprias nos «stands».

O Grupo «Amigos de Lisboa» terá uma barraca privativa para a venda de obras referentes á historia da capital. A «Voz do Operario» montará um modelo das suas bibliotecas moveis.

O recinto da «Feira» terá uma aparelhagem sonora propria para as suas emissões de conferencias e musica.

«Grande Festa do Trabalho»

E' definitivamente amanhã, ás 21 horas, que se realiza no Coliseu dos Recreios a «Grande Festa do Trabalho».

Pelo grande interesse que está a despertar, esta festa deve constituir uma verdadeira consagração do trabalho. Do programa, que foi conscienciosamente organizado, de maneira a satisfazer os mais exigentes, faz parte o aplaudido filme «A ilha do bosque maldito» e complementos vivos dirigidos por José Castelo com a colaboração de alguns elementos do «Paparafros», morador na rua dos Sapadores, 115, 1.º, canos.

Dirão algumas palavras sobre o significado da festa o director de «O Trabalhador» e o distinto deputado dr. Abel Varzim.

Os bilhetes encontram-se á venda na bilheteira do Coliseu e na sucursal do «Diário de Noticias», no Rossio.

«LEGIÃO PORTUGUESA»

Brigada Automovel

Os legionarios da Brigada Automovel devem comparecer no quartel de Metralhadoras n.º 1, no proximo domingo, 21, ás 9 horas, devidamente uniformizados e equipados, para exercicio fora do quartel.

TOIROS DE ANDRADES,

NO

DOMINGO,

NO

CAMPO PEQUENO

para

João Nuncio

e Fernando Salgueiro
e para os novilheiros
vindos do México

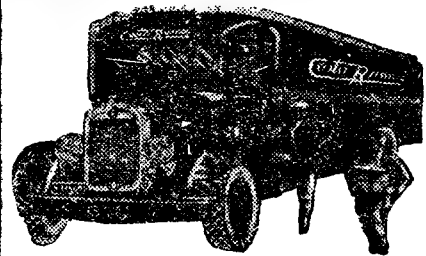
MANOEL

CARLOS ARRUZA

Preços populares



Arruza toureando de capa



TRANSPORTES COSTA RAMOS

Domicilio a Domicilio

Unico concessionario da carreira entre Lisboa e Porto. Transportes para todo o pais. Carros especiais para mobilias.

PORTO

LISBOA

R. Guerra Junqueiro, 7 R. S. Julião, 34, 36

Telef. 15061-15062

Telef. 27200

VIDA MUSICAL

«Otello», no S. Luiz

O programa não lembrava ao espectador de que a linda partitura de Verdi foi escrita sobre um libretto extraído de uma das obras primas de Shakespeare,—mas toda a gente o sabia. O que admira, é que um homem já velho tenha tido ainda bastante vitalidade para traduzir tão fielmente em musica a tragedia do ciúme, erguida em palavras por um dos mais arrebatados genios do teatro.

Verdi ocupa um lugar absolutamente áparte entre os compositores de opera. Podemos ter preferencia absoluta pela musica sinfonica, relutancia em aceitar as dramatizações de Wagner e o seu simbolismo porventura pesado, a-pesar da beleza imortal das partituras, podemos procurar a conciliação com a realização ao mesmo tempo falhada, e genial do «Fidélis» de Beethoven; podemos chamar «facil» ao encanto de um Massenet; e no entanto aceitamos sem discutir cena e partitura da «Aida», do «Otello», do «Falstaff». E' que o encanto excepcional de Verdi não é adorado nem amarelado; o seu temperamento, antes de ser espectacular, é humano. A atracção de Verdi não deriva de um jogo, um artificio interior uma premeditação de provocar reacção no publico; tampouco há nele a preocupação de defender uma tese. «Otello» e «Desdemona» comovem-nos directa e profundamente. Já a «Traviata» nos comoveu, também, e «Rigoletto» nos assebrucou; mas ao passo que de volta dessas personagens o artificio da forma e dos accessorios perdura, em «Otello» esse artificio exterior é corrigido a ponto de tornar-se quasi inexistente pela modificação do conceito da opera e sua applicação, conceito que Verdi não inventou, mas aceitou, e a que se adaptou com maleabilidade consumada. Quanto á sua orquestração, é magistral, pela firmeza da vida rítmica, pelo lugar que a musica guarda nos lances mais dramaticos, pela associação dos timbres; o 4.º acto do «Otello» é de uma transparencia unica.

O maestro Angelo Questa regeu, com talento, com ganra mesmo. Na mais admiravel partitura que lhe ouvimos reger é que ficamos a admira-lo com mais entusiasmo. A orquestra deixou-se contagiar, e conseguiu obedecer. Um apiauso especial ao violoncello solista e ao naipe de violoncelos no 1.º acto.

Tambem admirámos calorosamente a voz, a arte vocal, e a arte cénica do protagonista, Francesco Merli, verdadeiro tenor dramatico de grande categoria. Raquel Ravina, soprano lirico de recuos, mulher de porte elegante e senhoral, cantou e representou com bom gosto. O baritone Luigi Borgonovo, no importante papel de Iago, confirmou a boa impressão que nos deu na «Francesca da Rimini».

No conjunto, que marcou um esforço coroadado de exito, distinguimos o baixo Marone, o tenor Toffanetti, e a «mezzo» Edmea polini. Os côros tiveram um belo enredo de marcar a sua acção assaz brilhante no movimentado 1.º acto, e também no 3.º, acção que se deve aos comprovados meritos do maestro Achile Clivio, um co-laborador que já pertenceu aos bons tempos de S. Carlos.

Concerto de violino

A profissão da musica exige grandes sacrificios a quem a quere levar com elevação. Maiores são por esse motivo os elogios que merece um artista como o violinista Americo Santos, trabalhador consciencioso e corajoso. Fez bem em apresentar-se, com um bom programa, em que não havia nem uma nota de mediocridade, podendo ividenciar os grandes progressos que realizou nestes ultimos anos, quer na tecnica, quer na compreensão estetica de obras, ou seja na interpretação geral.

Americo Santos tem hoje bastante maleabilidade de arco, um som bem tratado, que atinge grande beleza por vezes,—no Lento do Concerto em Lá, de Mozart, por exemplo,—com uma boa 4.ª corda. A «Folia» de Corelli, as Variações de Tartini sobre um tema de Corelli, os andamentos vivos do conhecido e lindo concerto já mencionado, beneficiaram dos progressos acima indicados. Parece que Americo Santos não está tão bem integrado em obras de caracter mais caprichoso, como o «Rondó» de Schubert e a «Gitana» de Halffter. Em compensação, paginas mais profundas como o Preludio em sol menor de Bach e a Aria em si menor de Haendel foram ditas com um estilo e uma nobreza de expressão que denotam a melhor orientação.

Outro esmero do distinto violinista, foi os bons elementos de que se rodeou, fazendo-se acompanhar ao piano por Maria Fernanda Pinto Lopes, e no «Concerto» de Mozart por uma orquestra de camara que René Bohet dirigiu. Maria Fernanda Pinto Lopes acabou o curso brilhantemente, há pouco, e já tem revelado aptidões de concertista. Os seus acompanhamentos foram feitos com musicalidade, se bem que não deve recear por vezes ser mais discreta. A orquestra de Camara—cordas com alguns instrumentistas de sopros,—sob a direcção de René Bohet, contribuiu largamente para o caracter e a vida das paginas Mozartianas. Mas as pequenas dimensões do Salão do Sindicato Nacional dos Musicos, onde se realizou o concerto, não permitem alargamento de sonoridades.

S. N. de Musica de Camara

O recital de canto por Celeste Mota, de que constava o ultimo concerto da Sociedade Nacional de Musica de Camara, no Salão do Sindicato Nacional dos Musicos, apresentava muitas obras pouco ou nada conhecidas, e ao mesmo tempo algumas de grande renome.

Celeste Mota tem qualidades de cantora que o tempo vem confirmando,—uma voz limpa, gosto poetico, distincão, uma boa memoria. Logo nos cantos de Haydn, com que abriu o programa, afirmou a seriedade do seu trabalho; prendeu-nos especialmente com o «Marianlied» de J. Marx, interessou-nos muito na «Lenda de Santo Antonio pregando aos peixes», de Gustav Mahler, que é um melodista de muito caracter, profundo, e não rebuscado; correspondeu com verdadeiro encanto á bonita melodia de caracter mistico que Luiz de Freitas Branco escreveu para uma poesia de Eugenio de Castro, tendo que bisá-la.

Três canções de Alva, poesias de João de Castro Osorio, por Herminio do Nascimento, musica de intenções elevadas, devem ter sido acabadas há muito pouco tempo.

Seis quadras populares portuguesas, musicadas por um compositor contemporaneo, D. Davico, na versão francesa, e sobre as quais as notas do programa chamavam a atenção, são bem escritas, no que respeita a musica; mas traduzir poesia popular é do mais difficil que possa haver, além de que o sabor popular não é a caracteristica que o compositor mais procurou.

Quatro Cantos de Chausson, de grande difficuldade de interpretação, melodias, de Brahms, R. Franz, Hugo Wolf, uma canção de Pierne, de modalidade menos transcendente, completavam o programa. Ao piano, colaborou Mario de Sousa Santos, acompanhador com pratica e compreensão musical rapida.

FRANCINE BENOIT

Pensão Castro

Com quartos confortaveis para casal e pessoa só. Comida com abundancia. Almoços e jantares no domicilio. Recebem-se comensais.

Avenida da Liberdade, 53, 2.º, D.

Estancia do Seixoso

REPOUSO E REGIME

Lixa-Douro

DIA RELIGIOSO

AMANHÃ, 19.—Santa Pradenciana, virgem. Lausperene, está na ermida da Ascensão de Cristo, às 19, adoração. Graça, às 11, missa no altar do Senhor dos Passos e exposição da referida imagem nas igrejas do costume.

Bólbo Capilar

Restitui cabelos aos caivos, suporta a queda do cabelo, cura radical da caspa. É ao mesmo tempo um requintado produto de toilette: perfume inebriante e persistente, dá brilho e fixa, dispensa a brilhantina, aos que pintam o cabelo. Anula o efeito nocivo do nitrato de prata, aplica-o após a pintura, tornando o cabelo sedoso e brilhante. Frasco embalagem de luxo 150 gr. para mais dum mês, 17\$5.

A venda na Sociedade Industrial Farmacéutica, Rossio, 31 e 38 nas boas farmácias e em todas as drogarias da Baixa.

Telef. 46326 NOVA CUTIS

O creme de dia, e o de noite empregado simultaneamente, constitui o melhor tratamento contra as rugas.

ESTORIL

Casa vende-se ou aluga-se

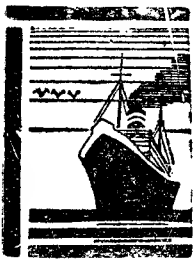
A 300 metros da estação com todas as comodidades modernas, ampla garagem, jardim, quintal, etc. Tratar na mesma, Parque Estoril Rua Melo e Sousa, Chafariz Maria Manoela. Tel. 203. Também informa Lino, banheiro, ou o chefe do Caminho de Ferro.



Na limpeza dos
Cristais, Espelhos,
Cromados, Frigoríficos,
Banheiros,
etc.

Nunca
Arranhou!...

Bon Ami



COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGAÇÃO

CARREIRA RAPIDA DA COSTA OCIDENTAL

VAPOR

PUNGUE

sairá no proximo dia 20, pelas 16 horas, recebendo carga para

S. Vicente, Praia, Principe, S. Tomé, Sazaire, Ambriz, Loanda, Porto Amboim, Novo Redondo, Lobito, Benguela e Mossamedes, e para os demais portos da Costa Ocidental, sujeito a baldeação.

AVISO AOS SRS. CARREGADORES: Este vapor recebe carga até as 20 horas do dia 17 e desta data até as 20 horas do dia 19, com o aumento de 20 0/0 e sujeitas as ordens de embarque ao visto do Conselho de Tarifas.

Para tratar:

LISBOA—Rua do Instituto Vergilio Machado, 14

Telefone 2 0052

PORTO—Rua do Infante D. Henrique, n.º 9

Telefone 2342

RAINHA DA HUNGRIA
CREMES DE DIA E DE NOITE

A preparação dum creme de beleza destinado a reagir sobre a epiderme e não apenas a provocar um simples aspecto de embelezamento, merece aquele estudo e cuidados excepcionais com que são fabricados estes dois preparados.

Assim, este creme de dia e o de noite ou de massagem, simultaneamente usados, evitam de facto a formação de rugas, tonificam o rosto e aveludam a epiderme, embelezando-a. Para epidermes secas, gordas, ou com quaisquer outros defeitos temos produtos e tratamentos especiais.

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA
TELEF. 21866 — AVENIDA DA LIBERDADE, 35 — LISBOA

Os nossos produtos encontram-se à venda nas boas casas ou enviam-se contra reembolso para as localidades que os não tenham.

Substitue

a

pintura

BONDEX
IMPERMEAVEL
CIMENTO COLORIDO

Substitue

o

estruque

para decorações interiores e exteriores

Duração eterna

Impermeável

Económico

Distribuidores:

BETHENCOURT BROS, LTD.

Rua Aurea, 132-138 — LISBOA

Agência no Norte:

SORIA, LTD.

Rua Sá da Bandeira, 214-216 — PORTO



Se não existisse

A Mariazinha, ainda hoje se ignorava o sabor do Bom Café

A Mariazinha

Rua Barros Queiroz, 26 e 28
(à Igreja de S. Domingos)

NAO CONFUNDIR



A UNICA BOQUILHA EFICAZ!

Rep. Victor Chaskelmann & C.
Rua da Palma 268—Lisboa

Não guarde para o ultimo dia

Visite des te já a bem fornecida correia de Lisboa, e veja o enorme sortido de a estrechos para cães, proprios para a Exposição Canina. Ao haver o que V. Ex.ª desejar tomam-se encomendas.



Açamos especiais para galgos, bulldogs e Pekinois. Vitorino de Souza, Lda. R. Correios, 102.

Empresa Insuana de Navegação



O paquete
"CARVALHO ARAUJO"

Para a Madeira, S. Miguel, Terceira, Graciosa (Praia), S. Jorge (Velas), Caes do Pico, Fayal, Corvo e Flores (Lagens e Santa Cruz) sai no dia 23 de Maio às 15 horas.

AVISO: Os liquidos, cargas de estiva e as que possam causar avarias ás outras mercaderias devem estar á borda até ás 17 horas do dia 20 e todas as outras cargas até á mesma hora do dia 21. Quando por motivo justificado tenha de ser recebida fora daqueles prazos, pagará a sobretaxa de 20 0/0.

Trata-se com os agentes
GERMANO SERRÃO ARNAUD

telefone 20214 — Avenida 24 de Julho, 2, 2.º

PASTAS e CARTEIRAS

Fabricante Rua Madalena, 97-s/loja



AS MODERNAS TOALHAS DE MEZA EM TECIDOS LACADOS

São impermeáveis, económicos, laváveis, de grande duração e sem os inconvenientes do oleado, tais como cheiro desagradável e aderência dos objectos. Existem em diversos padrões, cores e medidas orladas a ponta à-jour.



BETHENCOURT BROS, LTD.

Rua Aurea, 132-138 — LISBOA

SORIA, LTD.

Rua Sá da Bandeira, 214-216 — PORTO

Uma Estranha
cera de Flores
da a tez
uma
Beleza
Mágica

Se residisse na região do Sul da França, onde são fabricados os perfumes, conheceria já as maravilhosas propriedades de branquear e embelezar a pele, possuídas por uma cera virgem que a natureza colocou na corola das flores. Extraída e refinada, esta delicada substância untuosa, chamada Cire Aseptine, age sobre o rosto com uma estranha magia.

Aplicada á noite antes de deitar a Cire Aseptine amolece a camada externa dura e rugosa da pele e lá-la destacar-se em pequenas particulas. De manhã, revela-se a nova beleza duma pele branca e fresca insuspeita até então. Os poros dilatados, pontos negros, sardas e todas as imperfeições do rosto desaparecem. Dever-se-á empregá-la também no pescoço, ombros e mãos a fim de não contrastarem muito com a brancura juvenil do rosto. Simples prática e pouco dispendiosa.

A venda em todas as perfumarias e boas casas do ramo. Não encontrando, escreva á Agência Aseptine — 88, Rua da Assunção, Lisboa — que atende na volta do correio.

PARTEIRA ESPECIALIZADA

R. Augusto, 275, 4.º Telef. 2 9607

Parlos, tratamentos. Consultas gratis

BASILISA PEDROSA



O Paiva da Pelaria Modelo, por motivo de obras a que, de verdade, vai proceder, vende parures Argentées desde 800\$00; Raposas azues, pretas, Martas, Petit-Gris e toda a qualidade de pelaria fina

Apesar da sensacional baixa de preços, a venda a prestações não é sobrecarregada de aumento.

PELARIA MODELO

Rua da Prata, 279—Telef. 2 8305

Diário de Lisboa

Suplemento literário

DIRECTOR: JOAQUIM MANSO—PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
 Redacção, Composição e Impressão: Rua Luz Soriano, 44, LISBOA - Telefone 20271

A culinaria João Gonçalves

através
 da literatura espanhola

O que comia Cervantes, o das «Novelas Exemplares»

Cervantes, quando escreveu o *D. Quixote* não se esqueceu de que os seus heróis, nas suas peregrinações por este mundo, haviam de necessariamente comer e beber e por isso muitas das suas páginas se ocupam de comidas e bebidas. E a ceia dos cabreiros, são as bodas de Camacho, o rico, onde o bom do gulotão do nosso Sancho pasmou à vista de «um novilho inteiro enfiado—como se fôsse num espêto—num tronco inteiro de alamo». E o que é mais, esse novilho «tinha no amplo ventre, de recheio, dois leitões—zinhos que serviam para o fazer mais tenro e dar-lhe gosto». Motivo de maior espanto era ainda o que á volta da fogueira, onde o novilho se assava, se reunia: galinhas, lebres, panelões de saboríssima olla, pão aos montes, filhoses, tantos odres de vinho, de tudo tanto que parecia não poder haver bocas que tanto comessem.

Cervantes devia ter sido gastrônomo por força. Três razões no-lo indicam: a primeira é a volúpia com que nos descreve as cenas de comida, por exemplo a ceia do governador Sancho na sua ilha. A segunda é a de que ás vezes nos dá indicações como a que se refere ao bacalhau: «pescoada, que em Castela chamam abadejo, em Andaluzia, bacalhau, noutras partes curadillo e noutras truchuela». E a terceira é a de que só quem sofreu fome sabe

o valor e o gosto ao comer. Cervantes grande das letras de Espanha, foi gastrônomo.

Em França, onde a ignorância de tudo o que não seja francês é cousa consumada, todo o piteu que leve tomate é português e tudo que leve pimentos, não pode deixar de ser espanhol. E' um erro porque a cozinha espanhola tem uma personalidade tão sua que não pode tão levemente ser julgada.

O espanhol tem os seus grandes pratos universalmente conhecidos. Apenas, para se avaliarem tem de ser comidos em Espanha: A sua olla podrida o seu arroz á valenciana, o seu bacalhau á biscaina. Terra farta, tudo é bom. O cocido ó puchero, a olla podrida! Vamos dizer dessa orquestra gastronómica, que só vista se acredita:

Cocido ou puchero é agua, grão, carne de vaca ou de carneiro, presunto, toucinho, cebola, sal, galinha, miudos de peru, hortaliça, chouriço ou murcela, e tem o nome de olla podrida se se lhe juntar chispe, orelha de porco, recheio, miudos de aves e, diz-tos Angel Muro «todo cuanto Natura criou para ser comido cocido». E' de toda a terra espanhola mas especialmente de Castela e, em Castela, de Madrid. Cada

(Ver continuação na pagina seguinte)



A «VIRGEM DAS DORES» de Metsys, exposta no Museu de Arte Antiga

pintor
 português em Italia

um artista contemporaneo de Alvaro Peres de Evora

«Na cronologia dos primitivos portugueses, Nuno Gonçalves era, até hoje, o primeiro pintor cujo nome se achava ligado a uma obra conhecida...»—assim inicia o seu livro sobre *Alvaro Pires d'Evora*, o dr. Reinaldo dos Santos. Na verdade, desde a revelação sumaria de Vasari, na qual se informa que *Alvaro di Piero di Portogallo* fôra um contemporaneo de Taddeo Bartoli, mestre de Siena, até ao ano de 1922 em que o ilustre historiador de arte publicou o referido volume, contando da sua peregrinação por terras benditas da Toscana, aonde foi ver, estudar e descobrir as assinaturas do nosso grande pintor em nada menos de três obras, sendo a ultima o triptico de Volterra assinado *Alvarus Petri*, e que o critico italiano Venturi só ha pouco havia identificado convenientemente, nenhum outro português se houvera dado ao gostoso trabalho de nos mostrar a sua existencia com documentos tão belos de estudo e de afirmação.

Benditas canseiras as de Reinaldo dos Santos, que não se contentou em transmitir apenas as noticias ou versões que outros sabios citavam em seus escritos, sem confirmação directa da obra, e assim foi descobrir entre muros franciscanos os paineis admiráveis do possivelmente franciscano também—*Alvaro Portoghese*,—descobrimo ainda no museu de Brunswick, na Alemanha, outro pequeno retábulo do nosso primitivo pittore, datado de 1434.

Com mais este extraordinario documento, «para gloria da arte que o inspirou e da raça que o gerou», Alvaro Pires d'Evora passou a ser o mais antigo primitivo português, com o nome ligado a uma obra conhecida. Havendo desaparecido o painel de que Frei Luiz de Sousa nos fala e que o conde de Raczinski diz ainda ter visto no palacio dos marqueses de Borba, nenhuma outra pintura autenticada, de portugueses, se conhecia, anterior ás tábuas maravilhosas de Nuno Gonçalves, o qual desta forma parecia milagre ter aparecido tão isolado, em Portugal. Felizmente que guiado pelo escrito de Milanesi, depois de cinco seculos da existencia daqueles paineis de Alvaro Pires, sem que ninguém de cá os tivesse procurado antes, o dr. Reinaldo dos Santos nos veio demonstrar a existencia deste outro grande pintor, uma geração anterior á daquele. Alvaro Pires deixou de ser um nome quasi lendario, e logo foi visitado por mais estudiosos portugueses, a começar em Virgilio Correia, que passaram a querer-lhe bem e a situá-lo na vanguarda dos nossos primitivos.

E' de esperar que na proxima Exposição projectada para 1940 apareça uma destas veneráveis tábuas a antepôr-se ás de Nuno Gonçalves, que terão como seguimento imediato não só as quatro patentes ha muito na mesma sala do Museu das Janelas Verdes onde se encontra o poliptico de S. Vicente, por criterio justo do dr. José de Figueiredo, mas também o *S. Pedro* e o *S. Paulo* que o dr. João Couto salvou e valorizou com atinada escolha, assim como as tábuas por este estudadas e trazidas ás oficinas de restauro, da igreja do Sardoal, além da tábua onde

se vê num quadro a figura de Jesus dividindo pão da fé e da felicidade. Vai desta forma arrazar-se a lenda do isolamento misterioso de Nuno Gonçalves, enchendo-se os espaços anteriores e posteriores dos celebrados paineis de S. Vicente.

O caso desconhecido que nos trouxe a falar de Alvaro Pires e de Nuno Gonçalves, assim como da sua primazia na Historia da Pintura Portuguesa, é o duma nova revelação que um livro recentemente aparecido nas livrarias de Lisboa, sobre «Paolo Uccello, Castagno e Venezia», da autoria de Mario Salmi e traduzido por Jean Chuzeville, nos mostra a existencia em Italia dum outro grande pintor português, contemporaneo de Alvaro Pires—*Giovanni di Gonsalvo*, ou *Jean de Portugal* como se lê sob a gravura que o livro reproduz. Proximo de Santa Maria Novella, em Florença, no Claustro das Laranjeiras que foi da ordem dos beneditinos, existem doze frescos pintados por este português, representando a «Vida e a Lenda de S. Bento», além doutros posteriores que Vasari atribue a Bronzino. Aquellas decorações foram durante muito tempo atribuidas a um artista ignorado, «d'un eclectique des environs de 1440, qui se ressent de Masaccio, de l'Angelico et de Veneziano». Ultimamente o sabio investigador G. Poggi, nas suas pesquisas nos arquivos italianos, descobriu que tinham sido executados por *João Gonçalves de Portugal*, beneditino provavelmente, quando Alvaro Pires pintava as suas formosas tábuas na mesma divina Toscana. O douto investigador encontrou documentos nos quais se diz que o pintor «fut remboursé du 3 septembre 1436 ou 5 février 1439, pour frais de couleurs per dipigniere». Mas doutros pagamentos *per lo dipintore che dipigne il chiostro*, não se diz o nome do artista, que foi provavelmente um certo *frate Marcario*, dominicano, que sob ordens do português decorou os fundos e atributos secundarios do claustro.

Nota o ilustre critico italiano, Mario Salmi, «os motivos exóticos destes frescos, reflectidos mesmo nas architecturas», que a imaginação do estrangeiro ali levou como novidade. A-pesar daquelas pinturas denunciarem lembranças das de Frei Angelico, o sabio critico aproxima-as «na tendencia para as formas geometricas na paisagem de montanhas com nervuras», além das «linhas decididas das perspectivas dos quadros, e no uso das terras verdes e dos *glacis*», a influencias mais directas de Paolo Uccello, o famoso pintor das *Batalhas*, dispersas hoje pelos museus de Londres, Paris, Turim e Florença.

E' curiosa a coincidência deste agora revelado pintor português se chamar João Gonçalves, exactamente como aquele a quem José de Figueiredo atribuiu as tábuas de *S. Sebastião* e *Santo André*, das Janelas Verdes, irmão do maior de todos, que foi Nuno Gonçalves.

Fica o resto sobre o assunto para ser desenvolvido e esclarecido pela competencia dos criticos portugueses.

DIOGO DE MACEDO

Bibliografia

Campagne en Chine, de Charles Paul.

Éis uma obra que não sendo caracterizada um romance ou um descritivo de viagem não é também um livro de história ou de escuteiros. No entanto, participa de todos esses géneros.

O jovem Andre Guernieur, que durante dois anos andou embarcado num navio de guerra francês, conta-nos a sua vida dia a dia, com uma precisão e uma sinceridade que tornam a sua narrativa uma história maravilhosa.

Sucedem-se uma série de acontecimentos imprevisíveis que levam o leitor, sucessivamente, a Colombo, Singapura, Yokohama, Pequim e Nanquim. Os marinheiros franceses realizam duros trabalhos em Tien-Tsin, onde se encontra o ditador Chan-Tro-Lin, que recentemente venceu os seus terríveis inimigos. Seguimos as operações hidrográficas, nas partes mais pitorescas e menos frequentadas das costas chinesas.

Entramos depois em Changai, assistindo às dramáticas convulsões da guerra civil. Um escasso punhado de marinheiros franceses, transformados em soldados, consegue neutralizar as marés devastadoras, que são os dois exércitos chineses em luta. Em Cantão, os marinheiros vêem-se na necessidade de defender a concessão do seu país, atacada pelos exércitos de Chang-Kai-Tehe. Depois, fazem polícia dos mares, em circunstâncias assaz perigosas.

O autor, perfeitamente identificado com as coisas do Extremo Oriente, dá-nos a conhecer a alma dos marinheiros, ao mesmo tempo que nos faz viver uma apaixonante aventura. O volume, de 540 páginas, contém várias cartas e um glosário. (Editions Stock).

Dicionário Excentrico, do dr. Ferreira de Almeida.

O autor é um diplomata ilustre das letras portuguesas. Tem viajado por grande parte do mundo, escrevendo sobre Portugal e traduzindo, no estrangeiro, algumas das nossas obras mais representativas. O seu **Dicionário Excentrico** é uma colectânea de citações máximas, reflexões, pensamentos e definições de autores célebres de todos os tempos, ou mesmo elaborados pelo povo. Conseguiu reunir 2520 citações, de 610 autores, o que representa um enorme trabalho de leitura e selecção. A estrutura do livro é tal qual a dos dicionários. Primeiro está a palavra: amizade, dever, confiança, maritimo, etc., e depois como a classificaram ou definiram vários autores, ou os proverbiais populares. **Dicionário Excentrico** é um verdadeiro tesouro de sabedoria. O livro que devemos ter sempre à mão, guia útil de filosofia, para nos esclarecer, aconselhar, e também recrear. (Livreria Classica Editora).

O Cão Amarelo, de Georges Simenon.

Durante muito tempo o romance policial foi considerado um género inferior. Se o publico comum o lia, o devorava, saciando a sua imaginação, o literato puro, 100 por cento fingia ignorá-lo, para se dar ares duma falsa superioridade intelectual. No entanto, lia-o também, mas às escondidas, saboreando-o como se fosse um fruto proibido. Foi preciso que a crítica e, nomeadamente, a crítica francesa, rehabilitasse o romance policial, colocando-o num plano literário, para que esse preconceito, entre os intelectuais portugueses, desaparecesse. Esqueceram-se, todavia, que Victor Hugo, Eça de Queiroz, Claude Farrère, três nomes ao acaso, o cultivaram admiravelmente, embora com outro nome.

Entre os que em França se lhe têm dedicado, Georges Simenon é, incontestavelmente, o primeiro da fila. Pode mesmo ser considerado um verdadeiro Balzac do género. Ninguém melhor do que ele, sem sair do plano da realidade, maneja uma intriga, enovelando-a de mistério, iludindo o fio condutor, esboçando uma pista, além apagando-a, rápido, decisivo, cinematográfico, na vertigem duma acção alucinante. Os seus heróis são prodígios de vida. Caracteres bem desenhados, integrais de humanidade, tão fortes como substantivos. Simenon e Agatha Christie, grande escritora inglesa, são hoje, no mundo, as «vedetas» do romance policial. Fizeram-no entrar na grande literatura. As suas obras não permitem uma leitura alternada: subjugam-nos inteiramente, exigindo uma atenção continua, como este «Cão Amarelo», uma obra-prima feita sobre o mistério duma morte. Mas o cadaver fala... O autor consegue galvanizá-lo e contar-nos, nos nervos vibrantes da acção, uma história magistral e empolgante, que se «devora» numa noite, em ansias de inquietude, de febre, e de exaltação. Mais não se lhe pode exigir. Tradução portuguesa de Adolfo Casais Monteiro, 2.ª edição da Empresa Nacional de Publicidade.

Broteira, vol. XXVIII.

Todo o leitor culto sabe o papel que esta revista modelar desempenha na mentalidade portuguesa. Continua sendo um dos melhores e mais variados tesouros da literatura e da ciência, dos problemas religiosos e da investigação artística. Todos os assuntos são discutidos com absoluta probidade e vasto conhecimento por uma brilhante pleiade de colaboradores.

BLASCO IBAÑEZ

e o arroz á valenciana

(Continuação da pagina anterior)

terra tem o seu *puchero*. Na Galiza e Asturias chamam-lhe *pote* e é mais pobre. Couves, feijão branco seco, batatas, unto (manteiga de porco), carne de vaca, presunto, murcela, linguiça ou chouriço e no caldo, pão torrado.

Na Mancha e na Andaluzia a riqueza da *olla podrida* é de predominância vegetal. Legumes, batatas, cardos, alho, funcho, nabos, e hortaliça varia, cebola, tomate, um pimento assado, pimenta e açafrão. O resto é como no *pote* galego. Esse, como hortaliça, só levar couves e tiver porco fresco e salgado e grão então é *olla de berza*. O cosido nas Asturias também se chama *fabada* e na Catalunha *escudella*. O catalão tem muita hortaliça, pouco grão, arroz, alergia, açafrão e uma bola (pelota) de picado feito em almondegas de carne, lombo de porco, toucinho, alho, salsa, pão ralado e um ovo batido. Tudo isto dá um cilindro de pontas conicas que se desfaz e se come, ao contrário do Aragão onde se tira e parte comendo-se à parte, em pequenas almondegas. São estas as grandes modalidades do popular prato espanhol.

Outra joia culinária é o *arroz á Valenciana*. É justo. Valencia é o Arroz de Espanha e, ou no arroz ou na *paella*, Valencia impõe-se, e Blasco Ibañez a eternizou num livro soberbo da sua obra. O *arroz á Valenciana* é assim como um *cocido* sem caldo e sem verdura. Leva muita coisa como a *olla podrida*, como ela sabe bem e como ela é um prato banquete e um prato bem espanhol. Faz-se com azeite ou manteiga de vaca, pimentos, frangos, patos, lombo de porco, salchichas, alho, tomate, salsa, sal, açafrão, pimenta e cravo, alcachofras, ervilhas, feijão verde e finalmente o arroz e bocados de enguia, tudo miúdo, tudo de chupar os dedos, porque nem o que fica nos dedos se pode perder.

A *paella* é também gloria nacional. A sua base é o arroz e o seu segredo a cozedura. Deve ficar bem seco uma vez cosido. Leva enguias, caracóis e feijão verde. Come-se com cebola. Tem uma caçarola própria e pode conter toda a sorte de legumes, carnes, peixes e crustáceos. Também se faz na região um arroz especial denominado *á banda*, especialidade de Calpe e o *á alicantina*, piteu de Alicante como o seu nome indica.

Depois disto o gaspacho tanto do nosso Alentejo, comida verdadeiramente peninsular, que se come de verão a horas de calor e que é o *puchero* da tarde. Na Andaluzia chama-se *lhe* sopa fria espanhola e é feito com pão, azeite, vinagre, alho e cebola e em Granada, pão, azeite, água, vinagre, pimenta, sal, cominho, alho e, querendo, cebolas e rodas de pepino.

É tudo? Não, que o espanhol ainda tem magníficos presuntos, da Galiza,

das Asturias, de Alpujarras, da Estremadura, de Montánchez, presuntos que se salgam, se cobrem com salmoura, se secam, se untam com pimenta, alho pisado, vinagre e oregãos e se põem ao fumeiro. Maravilha inspira da pelos deuses para que os bemdigamos no seu infinito saber e nas suas mirificas criações. Os *jamones* de Trevélez enterram-se na neve. São soberbos. E toda essa forte e original salchicharia? E os chorizos, as morcillas, a butifarra, os salchichones, a longaniza, a mortadela, as salchichas brancas e encarnadas, as sobreassadas, os chicharrones e os *quesos* de Italia que são massa de picado de gorduras de porco de um sabor singular?

O espanhol tem dois legumes que consome de uma maneira extraordinária. O grão «garbanzos» e o feijão branco-seco (judias secas). Em Madrid houve tempo em que foi moda ir comer feijão guisado á taberna do tio Lucas, perto da antiga calle de Sevilla, como foi moda ir tomar chocolate á Mariquita, em pleno ambiente secular XVII. «Cada povo, (diz-nos Muro), tem sua queda decidida por um alimento determinado. O *cibi deorum*, comida que dizem foi dos deuses, é um manjar muito variavel. Para um andaluz é o gaspacho e são as laranjas; para um castelhano, as sopas de alho; para um valenciano, a *paella*; para um estremenho, os *embutidos*; para um catalão, as *monjetas*; para o galego, os grelos». O índice é incompleto. Pode adicionar-se-lhe: em Santander a sardinha assada com pimentos e tomates; em Madrid, o leitão assado, a que em Rioja chamam *restrizo*, e em outros pontos *cochifritos* ou *marranillo*, o cosido, os caracóis, os popularíssimos caracóis das tabernas de Madrid «se guisam callos y caracoles con esmero y equidad» e que são igualmente bons no Aragão e em Valencia, em Vigo o polvo e os mariscos; em Sevilha, o estofado; em Malaga, as batatas e as anchovas; em Zamora, o *bacalhau com alho de arrieiro*; em Tarragona, o *romesco* (caldeirada dos pescadores da costa); em Vitoria, os capões; na Estremadura, nas serras de Guadalupe, as côrças e javalis e na Corunha, o *besugo á donostiarra*. Mais especialidades da cozinha espanhola, mais maravilhas da terra soberba que dois mares ladeiam, os ovos á flamenga, as tripas á andaluza, a galinha em pepitoria, as faves de Sevilha e Granada e as trutas, o peixe que é manjar quando comporta os quatro efes: Fritas, frescas, fritas y frias.

É também a terra espanhola, terra de bons queijos, excelentes frutas e magníficos vinhos.

Os queijos manchego, de Burgos, e Caceres, o de Cabrales (o Roquefort das Asturias), o de Piedrafita, o de cabra de Puerto Real e o requesão de Miraflores, os mantequilla de Soria, são afamados. As laranjas de Valencia

e Murcia, as passas de Malaga e o torção de Alicante, os mantecados e as tortillas são frutas e doces de primeira ordem. Quanto a vinhos, que se pode dizer de uma terra que tem Rioja e Valdepeñas, que não ha quem os não conheça, esse Pardillo forte e sem bouquet, de Madrid, a contrapôr-se ao Carmelina de Aragão que sabe a mel e a canela e tem cor de caramelo? Que tem o Tortado de Monterry que lembra o Rheno e o Ribero, galego, que lembra o Porto? Que tem o Xerés e o Malaga, o Alvear fino e perfumado e o Manzanilla, delicioso branco, que se bebe em S. Lucar de Barrameda?

Creio bem que com tudo isto se pode fazer um *arroz y gallo muerto* dos reis ou dos deuses. Ha muito morreu já o tio Lucas, desapareceu a Mariquita e da Posada de la Sangre, em Toledo, onde Cervantes escreveu *La Ilustre Fregona*, onde tão bem se comia, a guerra a levou, mas outros albergues, outras fondas, outros cosinheiros virão fazer as tortillas de todos os dias, a sopa de leite de almendras da vespéra do Natal ou o saborosíssimo chocolate de todos os seculos. E não tenhamos duvida que, além de velha, a cozinha espanhola é forte e farta, sem deixar de ser famosa.

ALBINO FARJAZ DE SAMPAIO

CINCO SENTIDOS

EM DEZEMBRO DE 1873

No doloroso processo que condenou Bazai (guindado, em 33 anos, de soldado raso a marechal de França!) á morte com degradação militar, o general Poncé não pôde provar que ele houvesse traído ou vendido a Patria: «Il l'a laissé egorger»—acusou—... a essa França sublime, cuja rendição a grande massa dos oficiais chorava em Metz, silenciosamente. A essa França doce, por quem, julgando-a perdida na profanação das botas prussianas, muitos exaltados estoíram os miolos, a urrarem no ultimo desespero amantissimo:—«Finis Galliae!».

Aquelas botas perduraram, no seu cabedal forte, nas suas cardas poderosas.

... Mas a França, doce e sublime, também ainda hoje é Flor e Luz. Graças a Deus e a Joana d'Arc.

E ao sangue dos nobilissimos suicidas...

LEI

Vem no sagrado Talmud: um pescador suplicou a Shamai que lhe desse a conhecer a Lei, toda a Lei, numa só lição. Shamai despediu-o com um gesto, porque o impossível da demanda não merecia palavra.

Mas Hillel matou a sede do ávido: «Fazei aos outros o que desejais que vos façam—eis toda a Lei. O resto é mero comentário...»

Os modernos «Hillels revogaram a Lei. E até a melhor parte do Comentário...

EXORTAÇÕES

Gil Vicente, Mussolini e Tomaz Ribeiro Colago fizeram Exortações á Guerra.

A do Primeiro está gravada em disco—e recitada muito bem por Chaby.

As do Segundo são vozeadas á janela.

A do Terceiro ainda ninguém declamou. Mas quasi Tudo, felizmente, «reclamou» (contra).

E é uma «tirada» tão interessante—mente escrita! Muito melhor—sem comparação!—do que os recitativos que, por esses tablados, preparam as Apoteoses.

Aproxima-se mesmo, em vibração e linguagem, da do Fundador da Farsa. (Refiro-me a Gil Vicente, está claro).

RODRIGO DE MELO

Palavra a mais...

Há 'ma ternura dos céus
Espalhada neste bem querer.
Por meus olhos põe um deus
Tantas virtudes nos teus
Quantas virtudes prefere.

Se, por ventura são meus
E não dum deus, estes tais,
Então os teus não são teus:
Que há-de ter olhos não seus
Quem tiver olhos "a mais".

Não podia um tanto querer
Ser fruído de olhos carnaís:
Há em mim o hos "a mais"
Ou em ti "a mais" que ver.
Mas nem por muito o escrever
Pode haver palavras "amais"...

15 MAIO 1939

MARIO SAA



Em 1938, a British and Foreign Bible Society vendeu 11.039.491 exemplares da Bíblia. As Escrituras foram traduzidas em nove línguas novas, o que eleva as suas traduções a 732. Entre estas línguas, mais, precisamente, dialectos, cinco são africanas, três asiáticas, e uma europeia: o esquimó.

A venda total das Bíblias, na Inglaterra, elevou-se, em 1938, a 751.000 exemplares. A Europa continental absorveu no ano passado 1.660.000 Bíblias, contra 1.519.000, no ano anterior.

A guerra sino-japonesa fez diminuir a circulação do livro sagrado: vendeu-se menos um milhão, aproximadamente. Os vendedores ambulantes sofreram muito, na China, tendo sido presos e perseguidos como espiões. Na Palestina, a venda também diminuiu: 4 mil exemplares menos do que em 1937.

A sociedade inglesa teve de receita editorial apenas 433 libras.



No novo anuário telefónico de Paris figura o nome de Windsor (S. A. R. o duque de...), entre uma casa Windsor e um Windsor Home, que aluga quartos mobiliados. O facto do ex-rei de Inglaterra figurar, democraticamente, na lista dos assinantes parisienses chocou vivamente a aristocracia inglesa.

O «Observer» frisa que é a primeira vez que um membro da família real britânica aparece pessoalmente numa tal publicação.

Na lista dos telefones de Londres menciona-se, simplesmente, Buckingham Palace (Whitehall 4832) e Marlborough House (Whitehall 2142), e não o rei ou a rainha Mary.

—Alô! Alô!



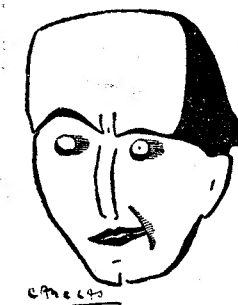
O grande filósofo Henri Bergson celebrou há dias, na maior intimidade, o seu 80º aniversário.

Ha cerca de 18 anos que o autor da «Matière et Mémoire» não sai de casa, resguardando assim a sua precária saúde.

Esta reclusão não impede o ilustre pensador de continuar a sua extraordinária obra filosófica, «La Pensée et le Mouvant», que ele publicou em 1934, foi criada no seu quarto de doente.

Agora está trabalhando num livro, onde ele formula as conclusões esquisitadas em «Les deux sources de la Morale et de la Religion».

Henri Bergson espera, dentro de breves dias, retomar a sua actividade exterior, sendo mesmo possível que tome parte nas sessões da Academia francesa.



Existe em Inglaterra, um jornal, o «Psychic News», que tem como redactores principais, o espírito de varios escritores. Frequentes vezes recorre ao espírito de Conan Doyle, seu enviado especial no além. Outro é Edgar Wallace, que fez uma serie

de artigos sensacionais sobre o que se passa no outro mundo. Pelo visto, os espectros em Inglaterra não vaguem, apenas, nos corredores dos velhos castelos, mas nas redacções dos jornais, entre os telefones e as «linotypes».

O «Psychic News», talvez devido aos espíritos, mostra-se sempre muito bem informado nas questões internacionais.

Quando da crise de setembro, foi o unico periodico inglês que afirmou não haver guerra.

Carta amiga

A Ramada Curto

por **Alfredo Pimenta**

Meu prezado amigo:—Caiu-me, hoje, por acaso, debaixo dos olhos, a sua nota do dia 8 sobre o livro que Carlos Olavo consagrou á vida do padre José Agostinho de Macedo, e ha semanas veio a publico.

Li o livro, como me cumpria, fiz o meu juizo, como era de meu direito, e não revelei ás gentes, porque ninguém me perguntou quantos anos tenho, e o pobre do padre tem costas largas para tudo, e valor em excesso para que á sua sombra se possam aninhar todas as opiniões.

Não é o que o Ramada Curto diz sobre o livro de Carlos Olavo que me traz á barra; mas é, sim, o que a pretexto desse livro, escreveu.

Se não está esquecido, demo-nos em Coimbra, não com intimidade, mas com certa camaradagem.

O mesmo vento de insanía nos perverteu, e a mesma atmosfera de pernicie nos envenenou. E depois, que diabo! fomos da grande greve—daquella fantastica mistificação que se chamou greve academica de 1907. E eu pertencio ao famoso e disperso Grupo dos Intransigentes—o grupo dos ingenuos dispostos a sacrificar tudo no altar torvo duma facção criminosa que nos mentiu e ludibriou.

Sim, Ramada Curto, eu fui dos Intransigentes. Fui, e, ai de mim!, ainda o sou, coisa que não acontece com a quasi totalidade dos que o foram.

Adiante.

Como fui dos Intransigentes, veio aquilo de 1910, e eu continuei a intransigir. Como consequencia disso, a muitos dos que foram meus camaradas em Coimbra, dei-xei de os ver, de os ouvir, de lhes falar. Subiram a altas regiões, solidarizaram-se com determinados acontecimentos, esgueiraram-se para as nuvens, aquecidos e atraídos pelo sol nascente.

Eu continuei a trilhar o passeio das ruas, e, muitas vezes, o descí, para deixar passar os vitoriosos do dia.

Nunca recebi, de si, agravos—que eu saiba. Nunca o magoei—garanto-lho. Mas o certo é que as nossas estradas eram divergentes.

Um dia, perante um acto seu nobilissimo, exemplar, eu, sensibilizado pela formosura estranha do seu procedimento, saí do meu caminho, atravessei mares e florestas, tudo o que nos separava, e afirmei-lhe a minha simpatia. Por aí me teria ficado, se, uma vez, o seu coração de pai não tivesse sido apunhalado, e eu não o tivesse pressentido a sangrar, succumbido e quasi morto...

Tambem sou pai, meu amigo, e tive, já, a sensação distantes, ai Graças a Deus, apenas distante, da catastrophe...

E, pela segunda vez, corri para si, para o apertar nos meus braços, e dizer-lhe como compreendia a sua angustia...

Sou, como vê, a-pesar de tudo o que nos separa—desde as crianças ás concepções filosoficas da vida e dos factos, desde a idade ás posições que occupamos no plano de existencia, sei amigo, porque para mim, o Ramada Curto é o homem do gesto gentilissimo a quem aludi, e é o pai que perdeu o filho amado.

Sendo seu amigo, leio, quando calha, o que escreve—peças de teatro ou artigos de jornal.

Eis por que li a nota sobre o livro de Carlos Olavo. Ha, no Ramada Curto duas personalidades distintas e que o contradizem. E o que é mais: que se combatem: o Ramada Curto da laracha, da chacota, da chalça—da anecdota; e o Ramada Curto que palpita e vive sob a máscara de José Maria: coração sensível, cheio de humanidade, com o seu quê, ás vezes, de piegas, ante duas frases de Beethoven ou Chopin, ou o cair duma folha abandonada de choupo triste, pelo outono, ali, no jardim da Patriarcal.

O primeiro Ramada Curto é o da galéria—o dos basbaques de botequim, o da atmosfera mefistica do café, o da palermice indigena—afinal de contas o de tudo quanto faz as glorias faceis e efemerias.

O segundo é o que pode deixar alguma coisa de solido e persistente, aquele de que, no decorrer dos tempos, os seus poderão um dia orgulhar-se legitimamente.

O primeiro não me interessa. E' o segundo que eu interrogo e fixo.

Dir-me-á talvez, o Ramada Curto, que tudo tem a sua hora. De acôrdo—mas não é licito tratar coisas sérias com chacotas de café.

Na nota que provocou esta carta, o Ramada Curto, fascinado pela nota idiota da vadiagem aliterada que solta gargalhadas alvares diante das suas pilherias, visou o que, em toda a parte do mundo, está a merecer as atenções mais sérias e mais graves: a revisão historica.

O meu amigo engana-se quando supõe esse labor critico exclusivo de Portugal. Não. Em toda a parte do mundo a estão a rever os conceitos, os valores, as posições que herdamos, não só em Historia, Ramada Curto, mas em filosofia, em ciencia pruída, em politica.

O século XIX, o «estupido», teve uma mentalidade, como o século XVIII, o século XVII, o século XVI, todos os séculos. O século XX faz o que o século XIX fez—revê a mentalidade que herdou, para a confirmar ou rejeitar. O século XIX foi o século da Revolução. O mundo inteiro, perante as realidades da Revolução, horrorisado com ela, procura escapar-se-lhe. A revisão historica é um dos processos adequados. Rever não é mudar, sistematicamente e «à priori», os sinais dos

valores; é analisar as fontes, as origens, as raizes dos juizos.

A obra de revisão historica em Portugal não é de hoje. Para a parte medieval, começa em Gama Baldos; para a epoca dos descobrimentos, começa em Luciano Cardeiro; para o periodo contemporaneo, a bem dizer, começou por dois brasileiros: Oliveira Lima e Euclides da Cunha. Antonio Sardinha, Caetano Beirão, Antonio Sergio, João Ameal, Fernando Campos, Rodrigues Cavalheiro e este seu criado são continuadores da obra de saneamento encetada.

O que se tem feito aqui faz-se lá fora. O trabalho de revisão historica da Revolução é enorme. O discurso há dias proferido por Herriot reflecte-o.

Entre o Luiz XI que nos ensinaram e o Luiz XI que sai dos trabalhos eruditos de Champion, há um abismo.

A revisão historica dos valores historicos faz-se não em beneficio das personagens, mas em beneficio da Patria—na justa apreciação do passado e no esclarecimento das gerações futuras.

O meu amigo não tem direito de achincalhar a obra séria, de investigação, meditação, estudo e critica a que se tem procedido—para gaudio da sua roda de botequim, e nas columnas de um jornal, partindo, de mais a mais, de uma premissa falsa: a de que o século XIX provou, pela boca de Oliveira Martins, todos os erros que proclamou, em delação a D. Maria I, ao Regente, e a D. Carlota Joaquina.

O século XIX não provou nada. Oliveira Martins deformou sem escrupulos e sem limites, e foi pelo seu caracter deformativo, que a sua obra abriu caminho e fez escola. Nem o provou o século XIX nem o provou o meu amigo. Advogado, habituado a folhear processos, sempre, quero crê-lo, com a preocupação exclusiva da verdade objectiva,—como é que o Ramada Curto se presta a avaliar os juizos do século XIX relativos a D. Maria I, ao Regente e a D. Carlota Joaquina?

Onde estão os seus estudos, onde estão as suas investigações para se permitir, com fundamento, fazer rancu do trabalho seriissimo de Caetano Beirão, sobre D. Maria I, do trabalho seriissimo de Oliveira Lima sobre D. João VI, e do trabalho seriissimo de Rubio sobre D. Carlota Joaquina?

Tenha paciencia, Ramada Curto: a sua idade, o seu nome e o seu trabalho impõem-me o dever de respeitar o que é respeitavel, e de tirar o chapéu ao que é sério. Pode ser que isso não agrade muito á «Brasileira» do Chiado ou do Rossio. Mas faça como eu, meu amigo: não lhes entre as portas.

Não há nada mais pernicioso para a intelligencia, para o saber, e para a cultura, do que o ar e a gloria do «café», o ar e a gloria da «rua» que o «café» simbolisa.

O meu amigo José Maria adorava o sossego do seu quintal, e a tranquillidade da Patriarcal do seu tempo, com arvores floridas, crianças de cabelos soltos, passaros a chilrear?... Tome-o como modelo.

E principalmente não alimente o Ramada Curto da chacota e da laracha. A força de rir do que é sério, arrisca-se, um dia, a chorar do que é comico... Adeus. Creia-me seu muito amigo.—*Alfredo Pimenta.*

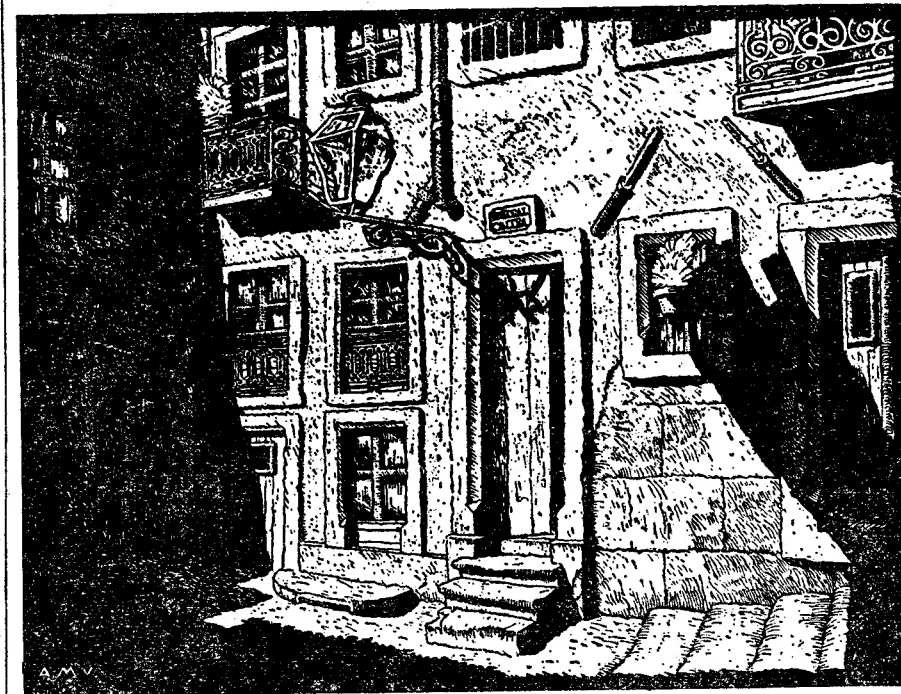
«Higiene do sono»

dr. Ascensão Contreiras

Poder dormir, saber dormir, eis a terrível obsessão do homem moderno, espicado pelo cansaço, devorado pela angustia ou transido pelas suas responsabilidades sociais. O problema não é, apenas, de ordem medica, tem também um fundo literario, que o sr. dr. Ascensão Contreiras estudou agora, admiravelmente, num livro em que não observa apenas as causas do mal, mas também lhe aponta os remedios possíveis.

O sr. dr. Ascensão Contreiras não quis, somente ser medico. Percorreu neste seu trabalho a arte e a literatura, com infatigavel curiosidade espiritual, que lhe servem de objecto a curiosas reflexões, sem um instante se afastar do seu tema, tratado, sob todos os aspectos com mão de mestre.

RECANTOS DE LISBOA



ALFAMA, gravura em madeira do professor Attila Mendly de Vétymy

OS LIVROS DA SEMANA

I—Uma certa forma de cinismo

Na psicologia do nosso tempo há um lugar para o cinismo. Dizia-se antigamente aquele que entrava na vida: se honesto e triunfará. Hoje diz-se-lhe: se cinico e a vida sorrir-te-á. Mas tal cinismo está longe da frieza elegante, entre deshumana e sobrehumana, de um Julien Sorel. Hoje é-se cinico sem beleza nem elegancia. O cinismo superior ri-se de todas as morais, de todas as virtudes, de todas as boas intenções. O cinismo cultivado pelos homens de hoje e pelas sociedades que eles constituem tem pelas morais, pelas virtudes, pelas boas intenções o mais aparatoso dos cultos. É um cinismo de ordem social. É um cinismo acomodaticio. Por isso mesmo o cinico desta especie odeia o cinico superior.

Ergue-se mesmo como paladino de tudo aquilo que directa ou indirectamente possa esmagar aqueles que se riem da virtude por terem ascendido a uma visão do mundo e dos homens em que a virtude figura como mais uma verdade convencional. Não é outra a razão por que eles condenam e perseguem os que lhes querem ensinar que o homem não veio ao mundo para se acomodar a verdades feitas. Não é outra a razão por que os cinicos acomodaticios condenam clamorosamente todos aqueles que lhe pintam o seu proprio cinismo. Quando a necessidade o exige, vão mais longe: apontam-nos á execração publica.

O cinico de hoje venera a verdade para melhor poder jogar com a mentira. Incapaz de arrostar com as consequências do seu proprio cinismo, mascara-se de virtuoso. Adora os deuses, sacrifica-lhes, vangloria-se de os adorar. Mas como não sabe em que consiste a verdadeira essencia de uma religião, reduz o seu culto a um ritual protocolar e converte os deuses em policas de costumes. Esqueceu, por isso, que a moral é uma applicação pragmática das verdades eternas da religião que adoptou. Não sabe mesmo que o homem aspira a Deus para se libertar das contingencias amargas de uma vida sem certezas nem esperanças. Ignora que a religião ensina ao homem a libertar-se de si mesmo. Mata na religião as verdades transcendentes e fica-se com aquelas que lhe podem servir para manobrar o seu barco neste mundo. Eis como se têm perdido as mais belas virtudes do homem. Fechado entre as muralhas do seu cinismo o homem começa a devorar-se a si mesmo. É cinico para viver. Vive para ser cinico. Já não sabe o que mais vale na vida: se olhar para ela como um dom de baixo preço de que o homem se resgata elevando-se acima daquilo mesmo que julgara ser o principio e o fim da vida, se entregar-se-lhe decididamente resolvido a não ir mais além. Eis por que o homem de hoje oscilla entre o cinismo franco e grosseiro—o cinismo sem deuses nem verdades eternas—e o cinismo de bom tom, com as apparencias guardadas á vista e os deuses reverentes nos altares.

II—Teatro, representação simbolica

Disse um dia aqui, a propósito de Gil Vicente, se não estou em erro, que o dramaturgo não se pode contentar em fazer das suas peças quadros satiricos ou dramaticos: é indispensavel, no teatro, que as obras projectem para além de si proprias um principio, uma verdade, uma ideia, um simbolo, uma imagem, um sonho. Com isto queria mostrar o fraco valor de um teatro realista. Com isto queria mostrar o acerto de certo autor indico que há milhares de anos chamara ao teatro «poesia visivel». Com effeito, o teatro é uma arte de acção immediata sobre o espectador. Tudo que nele se representa deve impressioná-lo directamente: projectar-se no seu espirito de maneira tão impressiva e clara que ele o não possa esquecer. Perante uma obra de teatro o espectador deve ter a impressão de haver assistido á figuração de um mito. Mallarmé considerava o sacrificio da missa como uma manifestação de teatro puro. Pois não se representa na missa um acto symbolico? Não é a missa uma repetição figurada de um dos mysterios do catolicismo? O teatro outra coisa não deve ser que o representar de um drama, de um conflito, de uma ideia, de um simbolo elementares e eternos.

Se assim é, um quadro meramente satirico, em que a sátira assenta sobre uma intenção confinada nos limites dessa mesma sátira—na simples representação caricatural de um episodio observado na realidade—não pode ser verdadeiro teatro. Não passará de um divertimento. Enquanto a sátira danar, o espectador sorrirá: o quadro é cómico e o comico faz rir. Mas, terminada a sátira, ter-se-á evolucionado o riso que ela despertou. Nada mais ficará além da sensação de se haver rido. Mas há maneira de uma sátira permanecer actuando no espirito de quem a vê. Se a sátira não for de mera observação, eis que as coisas se modificam. Se nela se movimentar uma ideia qualquer sobre a vida, representada de maneira flagrante pelo conflito

BATON

peça em três actos de ALFREDO CORTEZ

REVISTA DO BRASIL

director OCTAVIO TARQUINIO DE SOUSA

travado entre as suas personagens, então talvez seja mais alguma coisa que simples sátira. Quando o riso desaparecer, ficará em lugar dele uma impressão, graças á qual perceberemos ter assistido á figuração de um momento symbolico, ritual, significativo no que mostra e no que esconde. Para isso o dramaturgo não se deve limitar á imitação dos gestos e das palavras de certas figuras; não se deve confinar na observação de certo meio ou de certa sociedade. Para isso será preciso que ele saiba surpreender o homem ou a sociedade num daqueles momentos de tal modo significativos que se poderá dizer não serem de um certo homem ou de uma certa sociedade, mas de todos os homens e de todas as sociedades. Será preciso, para isso, que ele se não contente com fixar traços pitorescos ou caricaturais. Pelo menos, se tais traços fixar, deverá fixá-los no que eles são simultaneamente manifestações de costumes temporais e locais e manifestações de sentimentos intemporais e universais.

III—Um dramaturgo ousado

Será esse tal cinismo contemporaneo de tal modo temporal o local que se não possa prestar a ser traduzido numa obra dramatica? O cinismo contemporaneo só é contemporaneo pela generalidade com que se manifesta entre individuos de uma mesma sociedade e de uma mesma época. Mas em si mesmo é, afinal, um modo de ser possivel em momentos apartados no tempo e no espaço. Esse cinismo espera ser fixado pelo teatro. Não é esse cinismo que a peça *Baton*, de Alfredo Cortez, pretendeu fixar. Mas foi esse cinismo que pretendeu esconder o que nela possa haver de comprometedor para esse mesmo cinismo.

Os homens recosiam mais ver pintados os seus vícios sociais do que os seus dramas eternos. Na peça *Baton*, de Alfredo Cortez (Lisboa, 1939) há alguma coisa mais que uma sátira: há um drama, há uma representação symbolica de um conflito eterno. Que conflito é esse? Talvez porque a peça de Alfredo Cortez está demasiado presa a observações locais; talvez porque há nela uma sátira muito visivel; talvez ainda porque Alfredo Cortez pôs mais calor em castigar do que em compreender: o que na sua peça há de eterno está apoucado. Mas a verdade é haver nela um conflito eterno. Já veremos qual ele é.

Alfredo Cortez não é um autor inexperiente. Pelo contrario. Alfredo Cortez é dos nossos raros escriptores de teatro que alia á segurança de tecnica uma certa inquietação humana. Não tem essa inquietação transparecida nas suas ultimas peças. Talvez não. Quere-me parecer que Alfredo Cortez, escriptor católico, está para o nosso teatro como Mauriac para o romance francès. Embora católicos, ambos vêm no vicio e no pecado a melhor substancia da arte. E' com bons sentimentos que se faz má literatura, escreveu há longos anos André Gide. De facto, não é com bons sentimentos que se fazem boas peças dramaticas. Os

bons sentimentos só podem interessar a arte quando estão em crise. A arte, isto é, a expressão dinamica da realidade dos sentimentos, só uma coisa verdadeiramente importa: o jogo desses mesmos sentimentos a sua passagem de um grau superior a um grau inferior ou vice-versa. E'-lhe tão indifferente o bem em si mesmo como o mal em si mesmo. A passagem do mal ao bem ou de um mal de maior grau a um mal de menor grau—e vice-versa—eis o terreno da obra de arte. Alfredo Cortez sabe isso. Porque o sabe, não tem receado trazer para o seu teatro o debate de problemas individuais em que o mal figura num primeiro plano. Atrevo-me a afirmar que as suas melhores obras são exactamente aquelas em que se illuminam os problemas tenebrosos do homem. As outras são mais virtuosismo que arte. Foi o católico Mauriac quem escreveu um dia: «Nest-ce pas l'enfer initial de beaucoup d'éducateur, de croire qu'en ne parlant pas des passions, on les supprime?». Foi Mauriac também quem escreveu: «Qu'est-ce d'abord qu'un chrétien? C'est un homme qui existe en tant qu'individu; un homme qui prend conscience de lui-même». Estou certo de que Alfredo Cortez subrevertia estas palavras. De facto, não há nenhum homem intelligente que acredite poderem extinguir-se paixões só por nos calarmos sobre elas. Nenhum verdadeiro cristão o será conscientemente ignorando-se a si mesmo. Como há-de então um artista calar as paixões humanas quando as paixões clamam que as exprimam? Como há-de um artista tapar os ouvidos ás suas proprias misérias desde que como cristão sabe, pela boca de Pascal, que é perigoso para o homem conhecer Deus sem conhecer as suas proprias misérias? Cristão, Alfredo Cortez sabe isto muito bem. Eis por que não hesitou em escrever peças como o *Lodo* ou *Baton*. Louve-mo-lo pela sua intelligente ousadia.

IV—Eis a ousadia

Choderlos de Laclos, o autor desse romance puro, como lhe chamou não sei quem, intitulado *Les Liaisons Dangereuses*, escreveu no prefacio da sua obra estas palavras: «Il me semble au moins que c'est rendre un service aux moeurs que de dévoiler les moyens qu'emploient ceux qui en ont de mauvaises pour corrompre ceux qui en ont de bonnes, et je crois que ces lettres pourrout concourir efficacement à ce but». Livro licencioso para muitos, *Les Liaisons Dangereuses* é uma obra prima da literatura francesa do século XVIII. Da sua leitura, a inocencia sem armas sai armada até aos dentes. Não há melhor maneira de defender os bons costumes que denunciar como se maquinam os maus. Já no século XVIII havia, na mais alta sociedade, pessimos costumes. No apogeu das civilizações, o homem dá largas aos seus appetites. A ociosidade abre-lhe perspectivas illimitadas; a intelligencia, desviada da luta pela vida, cresce até á hipertrofia; a sensibilidade requintada; esquecem os principios graças aos quais, em plena luta, o homem espera e crê. O homem torna-se assim senhor absoluto de si

mesmo: arpa sensível, vibra até á perversão. O espirito funde-se-lhe com a carne para arrancar da vida tudo quanto a vida pode dar. Era assim a aristocracia francesa do século XVIII. Eis o que Laclos pintou na sua obra: a perversão requintada. Alfredo Cortez pintou em *Baton* mulheres e homens de certa sociedade lisboeta do nosso tempo. Perversão requintada? Não. Cinismo grosseiro. Uma dissolução sem espirito. Uma baixa perversão. A sociedade que Alfredo Cortez nos pinta é dissoluta e grosseira. Alfredo Cortez não tem culpa: retratou-a, nada mais.

Mas, felizmente, Alfredo Cortez não se limitou a pintar-nos um quadro satirico dos costumes de certa classe lisboeta. Se a isso se tivesse limitado, a sua peça teria uma fraca ressonancia. Não. Ha em *Baton* um problema mais fundo, mais amplo, mais geral, mais intemporal: o problema do amor que não quer ceder á idade. Até quando tem uma mulher o direito de se defender da decrepitude? Até quando consente a vida que uma mulher possa amar? Talvez não fosse este o problema que Alfredo Cortez quis debater na sua peça. Alfredo Cortez quis antes castigar a dissolução que descombrir-lhe o fundamento humano. Se não ha forma de evitar que mãe e filha amem o mesmo homem porque a mãe se não resigna apenas a ser mãe a sociedade está perdida. Não será este para Cortez o problema fundamental da sua peça? Não foi o que ele quis mostrar? O *Baton* mascarando as rugas do corpo, cava as da alma. A sua heroína, porque escondia a decrepitude sob *baton*, julgava-se tão digna de amor como a filha, jovem, dessa juventude estigmatizada pela frieza, pelo convencionalismo, pela ociosidade. Em três actos descarnados, sobrios, só linhas e volumes, como certos desenhos modernos, Alfredo Cortez põe-nos frente a frente com a luta destas duas mulheres que se disputam o mesmo homem. E não ha entre elas ternura, não ha entre elas respeito, não ha entre elas senão odio: o odio que costuma nascer entre duas rivais.

Dizer que a peça de Alfredo Cortez atinge aquela elevação em que as personagens se transformam em symbolos: em encarnações simbolicas dos sentimentos que exprimem, seria excessivo. Ha momentos em que sentimos subir o drama até ao nível da poesia. Quando Nacinha, a filha de Berta—as duas mulheres que se disputam o mesmo homem: Gaspar—exclama pateticamente: «Deus vê-me ainda! Deus sabe a angustia com que pratico o mal!» atravessamos aquele fremito que só as grandes obras dramaticas podem produzir. Quando, na cena entre Tatinho, o insexuado da peça, Joana, a amiga que não pode correr em auxilio de quem lho supplica por não estar vestida («Não estou vestida. Não posso apparecer na Parada. Dava outro escandalo») e Berta, a mãe, desvairada por ter visto o amante partir com a filha, aquele Tatinho a aconselha, cinicamente, a que guarde as apparencias e concilie os seus interesses com os da filha, sentimos que este homem, algodão em rama embebido em pus, se metamorfoseia numa figura cheia de perversidade e grandeza: um bobo, um estrião, um demonio. Mas isto dura momentos. Alfredo Cortez não soube levar, progressivamente, até ao desfecho, symbolico e tragico, esta comédia dramatica: está misto de verdade humana e de observação social. Por isso mesmo, o fim, se toca o nível da beleza, não se fixa nele. Ha ali qualquer coisa mais empolgante que profunda. A filha, afinal, renuncia demasiado depressa ao homem que dizia amar com perdício. O *baton* é a chave da peça. Dir-se-á não ser nas almas que está a dissolução daquela gente, mas num pedacinho de *baton*, na magia da *maquillage*. Não será isto um tudo nada retorico?

Se *Baton* hesita entre a poesia e a sátira, como sátira é perfeito. A observação que Alfredo Cortez pôs nas suas figuras difficilmente poderá ser excedida. A linguagem, feita de *clichés*, é bem reforçada no enquadramento incisivo dos dialogos. Toda a grossaria de sensibilidade vem á flor: aquele «marialvismo» que José Baccelar tem como nota dominante dos costumes de certa sociedade lisboeta, onde a gente de cima se compraz em imitar o que ha de mais grosseiro e vulgar na gente de baixo, traduz-se no opaco das expressões, no rolar das palavras, na vulgaridade intencional das maneiras. Tatinho dá o diapasão quando proclama: «É uma coisa epidémica. Palavra de honra! Eu até gosto dum tipo malcriado. O que eu não gramo é o ordinario. Arrripa! Dá o contacto do sapo! Um marido que enche de bofetadas a barreira do amante da mulher! Que chatarrão! Que grosseiro!». Note-se: eram duas senhoras da sociedade as interlocutoras deste Tatinho. Mas elas proprias exprimem-se assim. Quando não se exprimem assim, dizem: «Estavas imenso *réussis*». Se *Baton* não é, pois, uma obra de grandeza humana, symbolica, de projecção universal, de verdadeira poesia dramatica, no fraco panorama do nosso teatro pode ser considerada uma das mais belas sátiras dramaticas que escriptor português haja escrito.

QUERIDA...

**Não ignoro que és, inda, perseguida
por perdidos de amor a quem assusto
e a quem abrazas (mas, a grande custo...)
os corações, termómetros da vida...**

**Nem nego a tua resistencia ardida
á corte imensa que te exalça o busto
— graça de seios e perfil venusto
digna de ser em marmore esculpida.**

**Sei que a tua beleza lhes provoca
paixões — tontura mais ou menos louca,
apparencia febril de amor sincero...**

**Assim, és, por teus dons sensacionais
a mulher a quem esses querem mais,
entre as mulheres a quem menos quero...**

SANTOS VIEIRA

JOÃO GASPÁR SIMÕES